

RMAR

A diferença entre um trabalho impressionante e um trabalho impresso

Ouçá os velhos

TIRO
CULAT



A arte política

TUDO O QUE
VOCE
SEMPRE ACHOU QUE
SABIA

Os rituais

Ninguém manda

QUEM TE INSPIRA?

CONTRA

MUITO
A FOTO

ndo atenção"

3x4
à margem



imersão

SABE POR QUI

tem de dar lucro.

SORRIA

ÉTICA / PROPÓSITO



A RESPOSTA É NÃO.
MAS A PERGUNTA MUDOU

SIGA O CAMINHO DA LUZ
DO JUNTO E MISTO

JEM OUSA QUESTIC

Cada um fala numa língua e acha que entendeu o que o outro disse. Seus diálogos são



ESTÁGIOS DE PRODUÇ

É uma atividade industrial e, como tal, tem de dar lucro.
Bom, u...
aqui a gente tem de jogar bola.

MAQUINA DE
ESCREVER

CONSUMIDORES

O 3x4 POSSÍVEL

Em um semestre tão quebrado por tantos feriados, com a cidade parada em dias de jogos da Copa e com minha ausência por problemas de saúde, cheguei a pensar que não teríamos um 3x4 que, pelo menos, ficasse dentro da média. Pois me enganei. Sempre ocorrem níveis diversos de participação e envolvimento. Uma obriedade. O jornal acaba sendo o resultado do esforço do núcleo que aproveita a oportunidade. Um momento único para realização de uma atividade com inteira liberdade. A turma define o tema. Cada um escolhe sua pauta, enfoque, fontes e constrói seu texto com absoluta liberdade. Sou um professor que persegue uma atitude não professoral. Não acadêmica em sua infinita prática da repetição. Acredito, cada vez mais, em uma pedagogia

com as tonalidades anarquistas na medida do suportável pela instituição, cujo espaço para tais práticas é cada vez menor.

Do meu tempo de estudante na Fabico, passando para a condição de professor desde 1991 até os dias atuais, tenho o retrato, paradoxalmente, de uma instituição que caminha para a direita e se torna cada vez mais eficiente na formação de profissionais treinados para o "deus-mercado" e de baixíssimo espírito crítico e rebeldia. De indignação. Pois leiam este 3x4 tendo este pano de fundo. Foi o jornal possível com altos e baixos, em que cada um deixou suas marcas para a história de suas respectivas trajetórias pelo curso.

Faço uso da característica básica e maior do mundo acadêmico: a repetição. Mas faço isso não como um burocrata do ensino que repete e repete. Faço uso de forma subversiva. Serei incansável até o final em dizer (de repetir) que o 3x4 como a Sextante são oportunidades únicas para a prática do jornalismo com seu verdadeiro sentido, a subversão. Pois que no "deus-mercado", com raríssimas exceções, irão produzir secos e molhados, variedades e perfumarias.

Os 7 a 1 dos alemães contra o Brasil é o grande fato da Copa das Copas. Vai para história. Daqui outros 50 anos, teremos uma nova "tragédia", pois ficaram com a taça os alemães.

Wladymir Ungaretti

CENTRO DAS ATENÇÕES

DA MARGEM AO

Uma nova 3x4 chega às "bancas". Um jornal feito em um semestre conturbado, caótico e com prazos se esgotando devido à realização da Copa do Mundo. Na verdade, desde a definição do tema foi assim: pautas interessantes, mas desconexas; de animais à política; de benzedeiros a michês. Parecia impossível definir um tema. Foi aí que nos demos conta que, na diferença entre temas tão incomuns, estava o objetivo desse material. Todas as pautas, que caminhavam individualmente, gritavam no final das contas por uma única razão: trazer ao centro das atenções os assuntos que estão à margem da sociedade.

Marginais. É o que você lerá aqui, mas não no sentido pejorativo empregado a essa

palavra. Os personagens e histórias dessa edição estão presentes no nosso dia a dia, mas vivendo em uma realidade paralela. Estão nessa mesma sociedade, mas em uma posição diferente. Eis que surge este jornal invertendo as posições tradicionais e trazendo como protagonistas os marginais da sociedade.

Cada autor usou da liberdade concedida pelo professor para escrever suas reportagens. Mas aqui fica o retrato de que ainda estamos aprendendo: vários problemas de atrasos e de descasos atrapalharam a produção. De certa forma, empobreceram o conteúdo. Talvez estejamos tão imbuídos em um tipo de ensino que não tomamos a liberdade concedida como ferramenta excepcional e

a transformamos em justificativa para nossas faltas. Essa é uma das causas para a falta de uma entrevista central, por exemplo. São questões que tornam o trabalho de uns mais pesados que de outros e que refletem a necessidade de um aprendizado coletivo.

Porém, mesmo com problemas ao longo de todo o processo, a "3x4: à margem" ficou pronta. O material que você tem em mãos traz um conteúdo único, um foco diferenciado, o esforço extra de algumas pessoas em cada linha e a marca de uma turma que se propõe a fazer uma Sextante ainda melhor. Ainda bem que não teve entrevista central. O centro, aqui, é a margem da sociedade.

Comissão Editorial

27. A esquerda contra o muro/29. "Aqui não é amador. É várzea mesmo!" 31. Mais médicos cubanos no Brasil 33. Sobre pontos de tráfico e comercialização de drogas 35. Como assim, libertar os animais? 38. Um nome na cidade 40. Da boca das ruas aos ouvidos da sociedade 44. Pelo direito de morar 47. Expediente

04. O dia em que Jesus Cristo visitou o Morro 06. Eu gosto mesmo é de foder 08. Minha casa é o meu maior medo 10. Liberdade na próxima estação 12. Na rua, não vivo da maneira que a sociedade impõe 14. Uma criança de cada vez 16. O Partenon Literário vive 18. O poder dos afetos 22. Ofícios de fé 25. No alçapão das lembranças

SUMÁRIO

O DIA EM QUE JESUS CRISTO VISITOU O MORRO

por Gustavo Chagas e
Alessandro Di Lorenzo

- Cola a bunda no chão, vai.

Era a música que tocava no Morro da Cruz por volta das três horas da tarde do dia 18 de abril de 2014, sexta-feira santa. Baile funk? Não. Via Sacra.

Era neste ambiente que os moradores da tradicional vila porto alegre esperavam um visitante ilustre naquele dia: Jesus Cristo. O clima sóbrio, solene e respeitoso, comum por onde ele era recebido, sucumbiu à festa dos donos do local: os moradores.

Não era um espaço para lamentação. Nem mesmo era um espaço

para uma celebração tradicional. Sim, havia gente rezando. Sim, havia mães com bebês vestidos de anjo. Sim, havia fé. Mas havia mais. Havia Morro.

A chegada do Messias ao Morro deve ter sido, logicamente, estranha no início. Acostumado à pompa dos templos banhados à ouro em todo o mundo, o filho do Homem deve ter achado curioso quando viu as pessoas cruzarem as íngremes vielas sem a preocupação de se circular num centro de cidade. Afinal o mundo era delas, a festa era delas. Ao lado da cruz de ferro cravada no topo, a música tocada não remetia em

nada a uma monótona festa católica. O funk, a todo o volume, provocava. A mulher, já nem tão novinha (como cantam os mais populares funkeiros), se esbaldava na dança incontrolável. E a celebração da Paixão de Cristo nem tinha começado.



No pé do Morro

A festa de recepção, em si, começava no plano. Um palco foi preparado e a história de Jesus foi vivida em meio àww emoção dos fiéis. Mas mesmo ali, muitas pessoas faziam a sua celebração peculiar. Vendedores ambulantes ganhavam seu pão aproveitando a data festiva. Comida e bebida, em cestas e isopores, como se fosse num domingo de jogo no Beira Rio ou nas ruas do Humaitá antes de um jogo do Grêmio:

- Refri, cerveja e água!

E enquanto o momento de subida do Morro não chegava, risadas, piadas e palavrões. A



atmosfera não era de um drama bíblico. Drama incessantemente contado nas catedrais, basílicas e templos. Havia sim pessoas crentes, ajoelhadas e rezando ao seu Deus. Mas, no Morro, não se crê de uma só forma. Os pedacinhos de macela voavam no ar e centenas se amontoavam na apertada esquina da Vidal de Negreiros com a Primeiro de Março. A sensação claustrofóbica piorava. Em volta do palco, um cercadinho isolava os escolhidos: autoridades e a imprensa. O povo de Cristo e do Morro, no entanto, queria ver. Em uma ordem desordenada, todos se revezavam na beira da grade. As crianças, mais ágeis, passavam entre as pernas cansadas dos adultos para assistir Jesus de perto.

Jesus e seus doze apóstolos faziam a ceia com pão e vinho no palco. O povo fazia a sua com pipoca, maço-do-amor e algodão doce.

A saída de Jesus, carregando a cruz, tinha seus aspectos contemporâneos. Os soldados romanos, assim como os agentes do choque da Brigada Militar, isolaram o caminho com cordas. Jesus Cristo era um super star e como tal não podia ser tocado.

Na lomba

Os guardas do exército de Pilatos subiam o quilômetro até a cruz com seus tambores. Mas o tambor que predominava era o do pagode. Jovens faziam do pátio e da calçada de suas casas um sambão dos mais animados. A fumaça do churrasco, em um dia de valorização da carne de peixe,

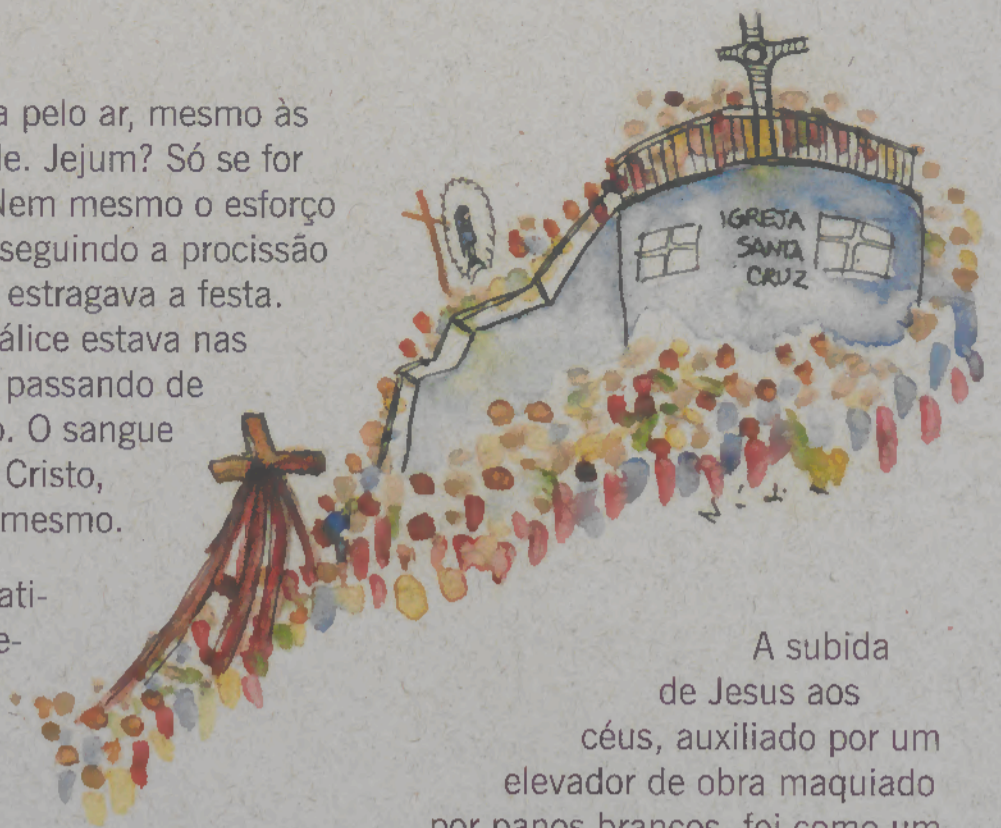
ainda pairava pelo ar, mesmo às cinco da tarde. Jejum? Só se for de tristeza. Nem mesmo o esforço das pessoas seguindo a procissão Morro acima estragava a festa. O vinho do cálice estava nas garrafas pet, passando de mão em mão. O sangue não era o de Cristo, era o de Boi mesmo.

O chão batido e os pedregulhos mal colocados na cada vez mais íngreme subida dificultavam os passos dos fiéis. O caminho era mais duro para os mais conservadores cristãos. Subir em festa torna a procissão mais leve.

Para as crianças, nem fé e nem balada. A procissão era brincadeira mesmo. Pepa-pega, correria, sobe-e-desce nas rampas e escadarias da rua. O motivo da celebração não importava.

No calvário

A tarde caía. Na Gólgota de ferro e andaimes montada para a crucificação, um anjo divino e o diabo encenavam o duelo pela posse da Terra. A eterna luta entre o bem e o mal virou uma televisiva disputa de MMA, em que o herói não era Anderson Silva. A cada golpe, queda e vibração, os milhares concentrados na pequena praça no topo do Morro se agitavam como em uma arquibancada. Vaias, gritos, palavrões e incentivos criavam a atmosfera do momento.



A subida de Jesus aos céus, auxiliado por um elevador de obra maquiado por panos brancos, foi como um gol de final de Copa do Mundo.

Jesus subia. Era hora de seu povo feito de Morro descer. Cada um desceu com o seu Deus, com a sua força. Além de fé, o Morro era feito de samba, de samba pra gente sambar.

Depois dessa pequena visita, de cerca de três horas, Jesus deve ter pensado:

- Finalmente achei a verdadeira casa do Senhor.



Ilustrações: Nádia Alibio

EU GOSTO MESMO É DE FODER

Busca por dinheiro e gosto pelo sexo mantêm michê na profissão

Por Juliano Zarembski

Eles não só observam, como fixam o olhar sobre homens e mulheres, que passam caminhando rapidamente. As mãos são imediatamente levadas ao pênis, que começa a ser tocado e massageado até que o possível cliente reaja, seja iniciando uma conversa com ele, seja apenas recusando e se distanciando.

Um carro ou uma moto que se aproxime devagar desperta ainda mais a iniciativa e a ousadia deles, e o que estava guardado dentro da calça ou da bermuda pode não estar mais. Na ausência de alguém que os pague em troca de sexo, reúnem-se em dois ou três para conversar (sobre programas já feitos, principalmente). Enquanto contam sobre as experiências, repetem os mesmos gestos para atrair clientes: afinal, não podem perder tempo.

Como se fossem peças de mostruário, os michês ou garotos de programa da avenida José Bonifácio, localizada no bairro Farroupilha, se expõem à noite durante algumas horas em uma vitrine com mais de 800 metros de extensão. Os motivos

que os mantêm ali e as razões que os levaram a este trabalho podem ser completamente diferentes umas das outras.

Uma floricultura ou um celular

Mesmo dizendo aos clientes que tem 24 anos de idade, Nathan já atingiu os 32. Determinado a abrir uma fruteira e uma floricultura, ele trabalha como michê desde janeiro de 2014. Na época, trabalhava como segurança no estacionamento da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e recebeu o convite de um colega de 18 anos para trabalhar como garoto de programa. Nathan ficou curioso e decidiu descobrir como era.

Negro e com aproximadamente 1,75 metro de altura, conta que não usa drogas e que comparece ao local de trabalho sempre bem arrumado. Ele costuma usar, para causar boa impressão nos clientes, calça jeans e sapato e camisa sociais.

Por volta das 19 horas, o michê aparece na avenida José Bonifácio. Vai embora somente à meia-noite e meia. Como alguns

clientes o procuram mais de uma vez, Nathan tem um ponto fixo na via. Quando não está atendendo alguém, fica sempre em frente ao Colégio Militar de Porto Alegre.

Recém chegado de um programa, outro michê vem da Redenção, atravessa a José Bonifácio e para em frente ao CMPA. Veste um casaco marrom com capuz, calça e tênis, todos visivelmente gastos. De longe, aparenta trinta anos de idade. O rosto não parece jovem, e a expressão facial é pesada. Nathan está a menos de 200 metros de distância do garoto de programa que acabara de chegar e, como não foi cumprimentado por ele, resolve tomar a iniciativa.

Ele não tem os quase trinta anos que aparenta, mas 21. Reage com desconfiança ao contato de Nathan, que é bastante expansivo. Christofer tinha chegado de um programa com um casal – um homem e uma mulher –, e cobrara 15 reais. Há três anos, quando começou a se prostituir, ele só queria comprar os tênis, as roupas, os celulares que gostasse. Recebendo tão pouco, demoraria a fazê-lo, mas ele parece não se importar tanto.

“Gostam de pau grosso e grande”

O modo como se veste e o empenho com que se arruma para se expor faz Nathan não cobrar tão barato por cada programa, como faz Christofer. Aliás, depende do que e de quanto tempo o cliente quer. Duas horas de sexo custam 50 reais. Pouco?

Ele tem uma explicação. Na verdade, as duas horas não são só de sexo: uma parte desse tempo é dedicada a conversar com os clientes. Muitos têm autoestima baixa e se acham feios ou desinteressantes. “Eu faço toda aquela conversa, né, de dizer que a pessoa tem que gostar de si mesma pra que os outros gostem também”, conta ele, satisfeito. Depois disso é que eles vão para a transa.

O michê conta que vários garotos de programa demoram muito menos tempo com cada cliente, porque “tentam gozar rápido”. Ele não. “Eu gosto mesmo é de foder”, conta, explicando por que prolonga a transa. Com isso, os interessados acabam voltando, e Nathan descobre outra preferência da maioria deles: “gostam de pau grosso e grande” – explica o michê.

Além disso, como o trabalho dele é fazer sexo, prefere aproveitar ao máximo, e ele o faz com o consentimento da esposa. Nathan é casado com uma mulher de 24 anos. O que poderia gerar estranhamento em outras pessoas não causou na esposa. Ela não só apoiou a escolha do marido, como também agradeceu. “Até foi bom, porque ela meio que não consegue acompanhar meu ritmo”, explica, quase exibindo um sorriso de orgulho.

O Saldo, o Ônibus e o Botânico

No smartphone touchscreen que ele manuseia e envia mensagens de texto para os clientes, perguntando se não querem encontrá-lo para transar, Nathan já tem trezentos contatos registrados. Desse total, apenas doze são de parentes e amigos. Com tanta gente já atendida pelo michê, é quase impossível que ele lembre se na última semana saiu com Antônio ou Guilherme ou se dormiu na casa de Pedro ou Ricardo.

Pra não cometer esse tipo de gafe, a maneira encontrada pelo garoto de programa para ter certeza de com quem estaria falando foi colocar como nome do contato o contexto em que se conheceram. “O Saldo eu gravei assim porque me ligou a cobrar”. Já o “Ônibus eu conheci quando tava voltando de um programa”.

Ainda tem a sequência de clientes que o michê não gosta: Chato, Chato Tarado e Outro Chato, por exemplo. Mesmo podendo se confundir com os nomes parecidos, ele não se importa. Afinal, só os procura quando ninguém tenta encontrá-lo na José Bonifácio ou quando não fazem contato por telefone.

Chamado para fazer sexo até no meio do mato, Nathan já registrou o contato de um cliente como Botânico. “Os seguranças ficam cuidando quem tá por perto e não quem entra no mato”, conta, acrescentando que tudo aconteceu durante à tarde no Jardim Botânico de Porto Alegre.

Mal descansa enquanto dorme

Como trabalha à noite todos os dias da semana, Nathan usa o dia para descansar. Se apenas em cerca de cinco horas de trabalho a rotina já é cansativa, quando passa a noite (das 23 às 7 horas) na casa de algum cliente, o desgaste – apesar de gostar – é ainda maior. “Às vezes eu to dor-

mindando e acordo com o cara me chupando”. Nesses casos, pelo menos, cobra quase 300 reais.

Alguns clientes, no entanto, seja por má-fé ou por estarem desprevenidos, não têm o valor para pagar o michê, o que não é motivo para deixar Nathan no prejuízo. Como modo de pagamento, ele diz já ter ganhado um celular e até um relógio de ouro.

Essa rotina invertida de trabalho ao menos não intriga os filhos do michê, ainda crianças, que têm três, seis e oito anos de idade. Se os deixassem curiosos, Nathan teria uma justificativa. Ele está empregado com carteira assinada como atendente de telemarketing, mas não frequenta o serviço, pois apresentou um atestado médico. Esse detalhe, porém, os pequenos não sabem, e acreditam que o pai trabalha no turno da noite.

Pele boa e roupa limpa

Mesmo passando por momentos de preconceito, o michê não se importa. Em dia de futebol, por exemplo, quem passa de carro ou de moto o provoca, já que estão com os amigos. Mas ele tira sarro e reverte a situação a seu favor: “Quem mexe é porque quer”.

Saindo da pasta do celular em que há fotos dos clientes nus, sem mostrar o rosto deles, Nathan abre a que guarda imagens da família. Os três filhos, junto com a esposa, sorriem em volta do papai Noel de um shopping.

O que o mantém ali é o objetivo de construir uma floricultura e uma fruteira e a preocupação em manter os filhos saudáveis e bem cuidados.

Com orgulho, ele aponta em cada uma das crianças o que vê de resultado do dinheiro que ganha trabalhando na rua. “Olha aqui: tá sorrindo, a pele tá boa e a roupa tá limpa. Pra mim, isso que importa”.



MINHA CASA É O MEU MAIOR MEDO

por Camila Cabral de Mello Viero

Foto: Camila Viero

A Casa, o abrigo, a oportunidade

- Se a casa fechasse, ia ser muito ruim. Muito.

Paul Dias das Neves, morador de rua há dez anos, achou na Casa de Convivência Ilê Mulher um lugar tranquilo para passar seus dias. O local, fundado em 2004, funciona somente durante o dia e é uma parceria entre a Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc) e a Associação Cultural e Beneficente Ilê Mulher. Em maio deste ano, a Casa quase foi fechada, o que acarretaria em mais de 150 pessoas em situação de rua, sem ter para onde ir.

O serviço, que se tornou uma referência em Porto Alegre, tem como objetivo dar suporte aos moradores de rua. Acolhendo inúmeros usuários por dia, proporciona atividades como oficinas com caráter de capacitação e geração de renda, bem como atendimento psicológico e de serviço social.

- A gente vem aqui porque dá para tomar um banho, lavar a roupa, poder andar um pouco mais

- A gente sofre muito preconceito nas ruas. Dependendo do lugar, eles olham para roupa que a gente está vestindo, e as pessoas passam assustadas, atravessando a rua, acuadas... Tem muita gente preconceituosa no mundo.

Nas ruas de Porto Alegre, ou são invisíveis, ou transmitem medo. Seus olhos tristes, cansados, procuram na cidade feroz um lugar para se abrigar. Os anseios, as decepções e a violência caminham lado a lado, na busca constante por algum lugar para (sobre)viver.

E se um destes lugares simplesmente desaparecer?

limpo para conseguir alguma coisa lá fora, né... É melhor aqui, porque assim a gente não fica na rua fazendo besteira, pensando besteira. Aqui tem uma televisão, eu gosto de ficar ali olhando.

Hoje, os usuários já sofrem com a situação da ameaça de desconvenimento, pois os poucos funcionários que restam na casa se revezam durante a semana, não tendo disponibilidade para manter o funcionamento aos sábados, domingos e feriados. Nos finais de semana, os moradores de rua ficam sem saber para onde ir. De segunda a sexta, os horários foram reduzidos em uma hora, e a Casa passou a funcionar das 7h15min às 17h30min, quando costumava ficar aberta até às 18h30min.

Graças às constantes lutas da Associação Cultural Ilê Mulher, do Movimento Nacional da População de Rua do RS, do Conselho Municipal de Assistência Social e de outras entidades preocupadas com os direitos dos moradores de rua, a situação do fechamento da casa foi provisoriamente revertida.

A rua insiste em me puxar de volta

- Eu fui parar na rua por causa das drogas, do alcoolismo... Eu tinha uns 19 anos quando saí de casa, hoje eu tenho 29... Bastante tempo, né? Faz dez anos que estou na rua, mas não dez anos seguidos... Tenho minhas recaídas. Fico um tempo em casa, aí quando vejo, volto para a rua.

Paul conta sobre sua vida como forma de desabafo. Diante de seus olhos baixos, é fácil perceber que sente vergonha da própria situação. Não nega a vontade que tem de mudar de vida, de "ser alguém". Mas as dificuldades impostas pela selva de pedra e seus animais ameaçadores barram, diariamente, as chances que surgem em seu caminho.

Mas nem todas as pessoas são preconceituosas. Nem todas fecham os olhos para aqueles que são invisíveis à sociedade, que passam por tantas dificuldades, tanta violência, tanto medo.

- Já tiveram pessoas que me tiraram da rua e me levaram pra dentro da casa delas. Mas fica meio complicado de conviver com pessoas que tu não conhece. Eles não me prendiam, mas eu me sentia meio envergonhado, sabe... Por estar ali, junto com eles, dividindo a vida deles. Uma nova família, né. Melhor do que me tratavam não podia ser! Melhor não tinha como. Eu podia sair, lógico, mas eles ficavam com medo que eu fosse usar drogas, que eu fosse beber... Só que... Eu não sei. Parece que tem uma coisa que puxa a gente pra rua de novo. Então eu voltava sempre para a rua por escolha minha mesmo. Por achar que eu não precisava deles para poder vencer na vida, e isso era pura ilusão.

A sobrevivência

- Eu trabalho de tarde. Cuido dos carros. Lavo também. Mas como o horário do serviço é das 5h da tarde às 10h30min da noite, não tenho como entrar no albergue. Então eu estou dormindo numa pensão. Pago 15 reais todos os dias, para poder dormir. Perto da pensão que eu durmo hoje, o albergue é cinco estrelas. Esse lugar é uma espelunca. Vou pra lá só pra não ficar na rua mesmo.

Durante toda a conversa, Paul explicita o medo que sente por morar nas ruas de Porto Alegre. A vontade de mudar de vida não consegue vencer os temores e as decepções. Ele conta que ainda é usuário de crack, cocaína e álcool e que tem muita vontade de parar, mas não consegue devido às situações que enfrenta nas ruas.

Estar na rua, à noite, sem ter onde dormir. Entrar na pensão, na "espelunca", e dar de cara com um colchão sujo no chão. São fatores como esses que contribuem para que Paul e tantos outros tenham grande dificuldade em levar uma vida melhor, com qualidade.

O preconceito que sofrem da sociedade, que insiste em fingir a inexistência dos moradores de rua, torna o ambiente perigoso. O medo e a insegurança que sentem, principalmente enquanto dormem, surgem a partir de fatos reais, que reforçam a crueldade existente nos seres humanos.

- Eu tenho muito medo de ficar na rua. É perigoso, porque ninguém respeita ninguém. Se tu tens alguma coisa de valor, eles roubam. Já me roubaram umas quantas vezes! Eu dormia e, quando acordava, não tinha mais mochila, tênis, chinelo...

- E a Polícia? Já fizeram algum mal a ti? -, pergunto.

- Poucas vezes, mas já acon-



Foto: Camila Viero

teceu. A gente está dormindo em um lugar e eles vêm tirar a gente... Tem que sair caminhando, sem rumo. Nunca bateram em mim, mas já ameaçaram. Disseram que não era mais para eu voltar ali. Daí tem que arrumar um outro lugar para ir, e vai ficando cada vez mais complicado...

Graças a iniciativas como a Associação Ilê Mulher, oportunidades surgem na vida de quem não tem nada, de quem sobrevive de boas ações. A luta para que mais lugares como este passem a existir – ou para que simplesmente não sejam descartados – continua, trazendo a esperança para centenas de desabrigados que veem na Casa de Convivência a chance de um futuro melhor.

- Minha vida não é um livro aberto, porque senão ela acabava me atrapalhando. Tenho que tentar subir na vida sem as pessoas saberem dessa situação. É complicado... Eu tenho vergonha de estar nessa situação, sabe. Mas eu estou tentando melhorar. Estou tentando, estou tentando...

LIBERDADE NA PRÓXIMA ESTAÇÃO

Por Jéssica Menzel

São onze da manhã. Loeci espera o trem para ir trabalhar em Porto Alegre. Antes de sair de casa pensa que roupa vai usar. Uma roupa que atraia a menor quantidade possível de olhares masculinos. Podia nem pensar sobre isso, mas parece que algumas liberdades lhe foram retiradas pelo puro e simples medo do abuso. Entra e senta. Olha o tempo passar pela janela. No banco em frente ao seu, um homem de camisa branca e calça de abrigo leva o casaco por cima das pernas. Com as mãos debaixo do casaco, o homem se masturba e encara Loeci, que ao ver não acredita e por isso fecha os olhos. Na estação seguinte, o homem sai do trem, enfia a cara para dentro da janela e mostra a língua para Loeci que, de olhos já abertos, se sente paralisada. Engole o choro e segue até a próxima estação.

O metrô de São Paulo é considerado o segundo mais apertado do mundo. No meio do empurra-empurra e da superlotação, milhares de mulheres são expostas ao machismo e ao abuso sexual. Dentro de um dos vagões, um homem encoxa uma jovem de 20 anos até ejacular em sua saia. Ela desce na estação Palmeiras-Barra Funda e vai até a Delegacia de Polícia do Metropolitano (Delpom) para denunciar. A concretização da denúncia só é feita se deixar a saia como prova do abuso. A menina praticamente desiste, porque não tem outra roupa e está atrasada para o trabalho. A advogada do sindicato de metroviários de São Paulo é acionada e compra uma calça para a jovem que agora está livre pra seguir com os compromissos cotidianos, mas continua presa pelo nojo, pelo medo, pela impotência.

Aprende depressa a chamar-te de realidade

O convívio com o assédio sexual tem sido constante no cotidiano da mulher que, no decorrer de uma história de submissões, tenta se livrar de um legado machista. No Encontro Nacional de Mulheres Petroleiras, uma trabalhadora relata: "Cheguei no trabalho toda suja por causa de uma ejaculação que um homem fez em mim no metrô. Isso já me aconteceu diversas vezes.". Para o Movimento Mulheres em Luta (MML), é a indignação em casos como estes que às fazem lutar todos os dias.

O Movimento Mulheres em Luta (MML) foi criado em 2008, em São Paulo, no 1º Encontro de Mulheres Conlutas, que reuniu mais de 1000 mulheres de todo o Brasil para discutir a importância da luta e organização em

função do machismo e da opressão existente na sociedade. Hoje, o movimento existe em diversos estados do Brasil. Em São Paulo foram desenvolvidas, junto ao Sindicato de Metroviários, campanhas de combate ao assédio sexual dentro de trens e metrôs.

Junto ao Metrô e o Governo de São Paulo, o MML propôs campanhas de conscientização, para que o assédio seja visto como crime e consequentemente denunciado. Exigiram melhorias na delegacia do Metrô para receber as vítimas de abuso, como um kit com roupas alternativas para atender a essas vítimas, que muitas vezes desistiam de denunciar porque precisavam deixar suas peças de roupas na delegacia para comprovar o estupro.

Em março deste ano, o governo do Estado de São Paulo lançou uma propaganda veiculada na Rádio Transamérica que incentivava "xavecar" mulheres em trens e metrôs quando estivessem lotados. Considerada uma propaganda machista pelo MML, foi lançada a campanha "Não me encoxa que eu não te furo". Milhares de alfinetes foram distribuídos para usuárias do Metrô de São Paulo para se defenderem de possíveis abusos. Segundo Camila Lisboa, Cientista Social e membra da Executiva Nacional do MML, a campanha foi desenvolvida para exigir medidas do metrô e do governo estadual. Além disso, ela também surgiu como forma de expressar indignação diante da campanha lançada pelo governo do Estado de São Paulo, que ignorou a forte violência pela qual as mulheres estão submetidas com a superlotação.

Em 2011, o MML levou uma carta à emissora de televisão Rede Globo, denunciando o quadro do programa Zorra Total, no qual uma personagem dizia estar sendo bulinada dentro do metrô

e outra personagem respondia dizendo que ela precisava aproveitar, porque era feia e não teria outra oportunidade. Para Camila Lisboa, a denúncia foi feita porque o quadro incentivava a prática do assédio no momento em que justificava a agressão sexual.

Em São Paulo, só este ano, houve 17 casos em que os assediadores foram apreendidos, mas o nível de denúncias formalizadas ainda é baixo. Geralmente os casos mais graves, em que ocorre ejaculação; são denunciados. Camila Lisboa também afirma que o medo da denúncia pode ser incentivado pelo sentimento de culpa ou então pela burocracia envolvida. Em muitos casos, as mulheres estão atrasadas para o trabalho e essa situação acabaria exposta no local, o que causaria constrangimento.

Segregação não é uma solução

Dalva Chagás é advogada e desde os tempos universitários era preocupada com a figura da mulher na sociedade. Sempre achou que, em relação a direitos, mulheres e homens eram iguais. A Constituição Brasileira de 1988 institui em seu Art.5 que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”. Mas se todos têm direitos iguais, porque os direitos das mulheres não são respeitados? Esse e outros questionamentos levaram Dalva a trabalhar em algumas ONG's, como a Coletivo Feminino Plural. Alguns anos depois, Dalva se tornou funcionária pública da Trensurb em Porto Alegre, onde começou a idealizar em 2012, o grupo Mulheres Metroviárias em Movimento (MMM).

O grupo foi criado com o objetivo de discutir e expandir a promoção da igualdade de gênero, étnico

-racial, desenvolvendo campanhas e projetos ligados a defesa dos direitos e combate a todas as formas de violência contra a mulher. Em dezembro de 2013, seis estações da Trensurb receberam atividades de conscientização com distribuição de material gráfico como parte dos “16 dias de Ativismo pelo fim da Violência contra as Mulheres”, campanha criada em 1991, por 23 feministas de diferentes países, reunidas pelo Centro de Liderança Global de Mulheres (CWGL) e que tem como objetivo promover debates e denunciar as várias formas de violência contra a mulher.

No Rio de Janeiro, o vagão exclusivo para mulheres, existe há 8 anos. No Rio Grande do Sul, a Secretaria de Políticas para as Mulheres do Rio Grande do Sul (SPM) procurou a Trensurb para falar sobre o projeto de Lei nº 28/2012, do deputado estadual Mano Changes, que prevê a criação um vagão exclusivo para as mulheres no Trensurb de Porto Alegre. Para Dalva, segregar não é o caminho. Mais de 50% dos usuários do Trensurb são mulheres e elas possuem o direito de estar em qualquer lugar com a roupa que quiserem. É preciso haver campanhas que conscientizem a mulher de que ela é independente e que deve denunciar e não viver na sombra do medo.

Apenas nove mulheres fizeram denúncias registradas pela Trensurb nos últimos 5 anos no Rio Grande do Sul. Dalva diz que isso demonstra uma cultura do medo, na qual muitas mulheres acabam não denunciando porque têm vergonha ou internalizaram que aquilo faz parte do seu cotidiano.



Aproximadamente 180 mil pessoas utilizam o trem urbano diariamente em Porto Alegre
Foto: Jonas Lunardon

Nove ocorrências de abusos no Trensurb foram registradas nos últimos 5 anos
Foto: Jonas Lunardon



NA RUA, NÃO VIVO DA MANEIRA

Foto: Camila Viero

“Tu já se sentiu excluída de alguma coisa?”, pergunta Robson.

São 16h, e Robson espera para entrar às 18h30min no albergue do Instituto Dias da Cruz, localizado na esquina da Avenida Azenha com a Ipiranga.

“É uma sensação horrível se sentir excluído. É uma das piores sensações”.

Robson Moreira Lemos tem 32 anos e está há 10 na rua. Segundo estimativas da Fundação de Assistência Social e Cidadania (Fasc), ele faz parte de um grupo de mais de 1,3 mil pessoas que têm como moradia as ruas de Porto Alegre. Assim como a maioria delas, passa seus dias perambulando pela região central da cidade em busca de comida e um lugar para dormir.

“A violência que a sociedade enfrenta é gerada por ela mesma”

Robson tem o semblante pesado e cansado. Em um primeiro momento, parece não querer conversar, mas em poucos minutos começa a desabafar sobre as dificuldades que enfrenta como morador de rua. Ele conta que saiu da casa onde morava, em Sapucaia do Sul, devido ao mau relacionamento que tinha com o pai. Sem ter concluído o Ensino Médio e sem conseguir emprego fixo, não

conseguiu estabilizar sua vida novamente. Atribui sua permanência nas ruas ao preconceito de uma sociedade que, segundo ele, não oferece oportunidades a quem está marginalizado. “Não existe oportunidade. Na maioria das vezes que eu procurei trabalho, fui discriminado por morar em albergue. Eles dizem que a pessoa não se enquadra no perfil, não é o que a empresa procura... É sempre a mesma desculpa”, desabafa. “Às vezes, não basta só nós termos força de vontade. Não depende só da gente”.

Crítico, o rapaz também responsabiliza a exclusão social pela violência que ocorre no dia-a-dia dos centros urbanos: “A violência que a sociedade enfrenta é gerada por ela mesma, pela falta de oportunidade e igualdade. Por que o empresário teve o carro roubado? Ele é o alimentador da violência, desde o momento em que acha que o mundo em que vive é só dele”.

Robson gosta de refletir sobre a sociedade. Considera-se anarquista e conta que participou das manifestações de junho de 2013 junto a outros moradores de rua.

Empolgado, acrescenta que ajudou a quebrar bancos na Avenida João Pessoa. O motivo que o levou aos protestos e a participar da quebra-deira, ele não tem bem claro. Mas revela: “É uma forma que eu encontrei de poder dar meu grito. Me senti aliviado, me senti tri bem”.

“O que mais tento me concentrar é no lado psicológico”

Robson relata momentos difíceis pelos quais passou. “Eu já fui preso por roubar no mercado pra



QUE A SOCIEDADE IMPÕE

por Júlia dos Santos Burg



comer. Mas não me sinto orgulhoso disso, me sinto envergonhado.” A maior luta que ele travou, no entanto, foi para se preservar daquilo que acredita ser um refúgio para o sentimento de vazio e solidão que enfrenta quem vive na rua: as drogas e o álcool. Com certa relutância em relembrar fatos que prefere esquecer, o rapaz conta que já foi dependente químico e que chegou a usar crack. Hoje, ele se mantém limpo na maior parte do tempo. “Eu luto 24 horas,

Moro na rua, moro com os caras... Os caras usando, usando, usando e eu me mantenho sóbrio”. Segundo ele, o fundamental neste processo é trabalhar o autocontrole: “O que mais tento me concentrar é no lado psicológico. Eu consigo ficar 24 horas na rua e não usar nada. Hoje, o que mais gosto de ter conseguido é esse controle.”

Além das drogas, Robson também tenta evitar atritos: “Na rua é muito fácil brigar. É tão simples arrumar uma confusão e brigar”. “A pessoa que tá na rua acaba ficando violenta porque a rua é violenta”, reflete. Por isso, ele diz

que é preciso ficar esperto: nem sempre quem está dormindo ao lado é amigo. Prova disso é que, poucos dias antes, ele teve a mochila roubada por outros moradores de rua enquanto dormia.


Sem drogas, evitando confusão, Robson conduz seu dia-a-dia do jeito que pode: pela manhã, vai ao Centro de Referência Especializado para População de Rua (Centro POP), onde toma banho e realiza a primeira refeição do dia. À tarde, faz bicos. Atualmente,

carrega caixas, recolhe o lixo e limpa o chão de um restaurante em troca de um prato de comida. Às vezes, vai a uma Igreja Católica onde recebe comida e “ouve a palavra de Deus”. Durante o resto do tempo, procura um local para descansar e dormir.

“Eu me sinto parte de uma resistência”

Perguntado se pretende mudar de vida, Robson diz que não desistiu de encontrar um emprego e que tem vontade de constituir uma família assim que conseguir estabilidade financeira. Para ele, viver na rua não é uma escolha. “Na rua não se aproveita muita coisa. Não se aproveita nada, nada de bom. A rua não tem nada pra oferecer de bom.”

Apesar disso, vivendo na situação em que vive, Robson se sente parte de uma resistência. “É uma opressão receber um salário mínimo, ter que pagar um aluguel que é um absurdo, comprar arroz, feijão, azeite, comprar um monte de alimento pra família, sabendo que o teu salário mal vai dar pro aluguel”. E resume o que parece considerar o único lado bom de pertencer a um grupo marginalizado: “A gente não vive da maneira que a sociedade impõe”.



UMA CRIANÇA DE CADA VEZ

por *Martina Nichel*

Foto: *Martina Nichel*

Paola Oliveira tem nome de atriz global, mas a tristeza no seu olhar não tem nada de ficção. O irmão da menina havia sido morto há poucos dias. Ela só tem 14 anos, mas demonstra uma maturidade incomum para a pouca idade. Paola frequenta o Pão dos Pobres diariamente, no turno inverso ao da escola, desde que tinha 10 anos.

Rafael foi destituído do poder familiar há dois anos. Quando questionado se gosta de morar no internato do Pão dos Pobres, ele responde: “É como a minha casa agora.” Por mais acolhedor que seja o ambiente, não é a casa dele.

Ariel não esquece o dia em que deixou a Fundação de Atendimento Socioeducativo: cinco de dezembro de 2013. Ele cumpriu pena durante um ano e meio, mas não foi a primeira vez. Ao todo, ele esteve na Fase durante dois anos e meio dos 19 que tem.

As histórias de Paola, Rafael e Ariel se encontram num mesmo ambiente de acolhimento, na Rua da República, em Porto Alegre. Para as estatísticas oficiais, eles representam apenas números que comprovam os problemas socioeconômicos do país. Para a fundação O Pão dos Pobres, eles são jovens únicos e merecem atenção individual.

Durante a trajetória de 119 anos, a Instituição foi se adaptando aos diferentes cenários da realidade. Quando surgiu, durante a Revolução Federalista, o Pão dos Pobres prestava auxílio aos órfãos e às viúvas da guerra. “Hoje nós não vivemos uma guerra civil, mas a gente acaba vivendo uma guerra do tráfico de drogas, do crime organizado, na qual quem mais sofre são as crianças.”, aponta João Rocha, gerente socioeducativo da Fundação.

No Brasil, a pobreza e a pobreza extrema têm rosto de criança e de adolescente. Segundo dados do Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quatro em cada dez brasileiros que vivem na miséria são meninas e meninos de até 14 anos. Depois das crianças, o segundo grupo etário com maior percentual de pessoas vivendo em famílias pobres são os adolescentes: 7,9 milhões de brasileiros de 12 a 17 anos de idade vivem em famílias com renda inferior a ½ salário mínimo per capita. Isso significa dizer que 38% dos adolescentes estão em condição de pobreza, enquanto a média da população brasileira é de 29%.

A pobreza recua na população em geral, mas cresce entre seus meninos e meninas. Romper esse ciclo não é simples, mas é fundamental para reduzir o processo de exclusão social vivido por milhões deles. A grande maioria das crianças e adolescentes atendidos no

Pão dos Pobres vem de alguma situação de vulnerabilidade social. Além do internato, que atende atualmente cerca de 100 crianças e adolescentes, o Pão abre as portas diariamente para centenas de jovens no horário em que não estão na escola. São oferecidas atividades recreativas às crianças e cursos técnicos e profissionalizantes para os jovens com mais de 16 anos. A intenção é colocar adolescentes competentes no mercado de trabalho, mas antes de tudo, formá-los como cidadãos.

Outro importante projeto é o atendimento socioeducativo a jovens egressos da Fase. Cerca de 40 adolescentes participam de atividades esportivas, debates e oficinas, que ocorrem quatro vezes por semana. Eles são acompanhados por uma equipe formada por psicólogos, educadores, assistentes sociais e pedagogos por um ano e recebem uma bolsa mensal durante o período. Jauri Roque Mallmann é educador no projeto e conta que os jovens também têm muito a ensinar. "Eu aprendo muito no sentido de lidar com as pessoas, porque cada um tem uma história. A gente tem que primeiro mostrar que acredita neles e que está aqui do lado deles para ajudar."

Ariel participa do programa desde o começo do ano. O projeto foi o responsável por motivá-lo a dar um segundo passo. Ele não esconde a empolgação quando fala do curso de mecânica automotiva que está prestes a começar. "Acho que é um negócio que vai me ajudar bem lá na frente, que vai ser bom para mim e para a minha família também. Eu penso em trabalhar numa empresa de carros. Eu vou me puxar nesse curso para eles verem que eu sou bom."

Rafael começou o curso de serralheria no ano passado e irá se formar no fim deste ano. "Eu tenho um tio que trabalha nisso também. Quero seguir a carreira." Entre risos, ele conta que mudou muito desde que veio morar no Pão dos Pobres: "Antes eu brigava demais quando era pequeno, agora que eu me ajeitei mesmo."

Paola joga tênis, faz canto e aprendeu a tocar flauta e teclado no Pão dos Pobres. Entre a escola e a Instituição, ela prefere a segunda opção: "Eu me sinto bastante segura aqui."

Ariel, Rafael e Paola participam de projetos diferentes e cada um tem seus próprios planos de vida. Eles são apenas três dos cerca de

1200 jovens atendidos pelo Pão dos Pobres. O conceito usado pela Fundação - Salvando o mundo. Uma criança de cada vez. - representa um modo de transformação da realidade que ainda depende das instituições sociais. João Rocha defende o desenvolvimento de um projeto que vá além. "Por melhor que gente faça o nosso trabalho, temos que construir uma sociedade melhor, para que essa Instituição termine. A transformação tem que ser tão grande que as pessoas, como um todo, consigam cuidar das crianças.", aponta. Lugares como o Pão dos Pobres têm que ser fortalecidos para que um dia não precisem mais existir.



Fotos: Martina Nichel



O PARTHENON

LITTERÁRIO VIVE

por Manoella van Meegen

*Meu Parthenon Literário,
Teu ideal libertário
É chama que incendeia
Os nossos corações.
No panteão de tuas glórias
Guardaste tuas vitórias
Sobre todos os grilhões.*

*(trecho do Hino do Parthenon
Litterário. Letra de Carlos Rampanelli)*

Poucos são os que conhecem ou já ouviram falar na Sociedade Parthenon Litterário. Criada em 1868, a associação que deu nome ao bairro Parthenon viveu um período de efervescência social e política, com a Guerra do Paraguai em andamento, as ideias republicanas em expansão e uma forte ascensão do movimento abolicionista. Apesar da sociedade da época - escravista e imperialista -, os par-

tenonistas discutiam e defendiam (e custeavam) a liberdade de escravos, a emancipação da mulher e a proclamação da República. Pioneira em associações do tipo, o Parthenon precedeu 30 anos a Academia Brasileira de Letras, sendo o marco inicial da literatura organizada do Estado.

Fundada por Caldre Fião e Apolinário Porto-Alegre, as atividades do grupo eram compostas por saraus literários, bailes, palestras, aulas noturnas para adultos, a manutenção de um museu, de uma biblioteca e da revista mensal da entidade, que contava com os principais nomes da literatura do Rio Grande do Sul da época. Nela, se liam contos, poesias, romances, críticas literárias e peças de teatro. A revista não circulava só em Porto Alegre, mas também por outras cidades do Estado, permitindo um intercâmbio de informações, textos e ideias pelas mais diversas regiões.

Embora já tivesse deixado de existir desde 1885, quando paralisou os trabalhos associativos, a sociedade só foi extinta oficialmente por volta de 1925.

Revolucionários?

A Sociedade Parthenon Litterário reuniu um grupo de importância intelectual que faz pensar em como exatamente funcionavam as hierarquias da sociedade naquela época. A importância

do Parthenon vai além de sua dimensão intelectual, pois também é uma forma de se resgatar as lutas travadas por homens e mulheres do passado, que redimensionaram o espaço destinado a cada um na sociedade.

Naquele tempo, o espaço de produção literária também tinha valor para outras instâncias sociais, como associações e partidos políticos. Não havia uma divisão clara entre diferentes esferas, como a literária ou a política "Essa rede de relações não é exclusiva da época, é humana. Todo o projeto do Parthenon Literário era um projeto de certa forma político, mas não um político necessariamente ligado a um partido", explica Cássia Silveira, doutoranda em História Social pela UFRGS.

De acordo com Cássia, a produção literária era particularmente interessante como modo de apresentar projetos políticos, não só porque atingia um público diferente, já que podia ser direcionada às mulheres, mas porque de certa forma disfarçava os interesses políticos que também estavam presentes. Ela os tornava menos explícitos e podia fornecer outros modos de argumentação, utilizando personagens.

O que podia ser mais revolucionário na Sociedade, no sentido de efetivamente contrariar algumas das posições mais correntes e de permitir uma mudança social mais evidente, eram as posições de alguns de seus sócios. Havia, por exemplo, Arthur da Rocha, um dramaturgo que se posicionava de maneira bastante decisiva no que se refere a questões ligadas à escravidão. "O que Arthur da Rocha oferece é um ponto de vista sobre essas questões que parte de quem sofre os preconceitos ligados à sua cor da pele. São interpretações muito críticas da legislação



emancipacionista, como a Lei de setembro de 1871, que ficou conhecida como a Lei do Ventre Livre”, afirma a historiadora.

Outra figura que teve importante papel revolucionário para a Sociedade foi Luciana de Abreu. A professora defendia publicamente, em palestras – o que era uma atividade tipicamente masculina, dificilmente ocupada por mulheres –, a necessidade da educação feminina, inclusive da educação superior, em curso de livre escolha da mulher. Defendia que as mulheres não podiam ser meras escravas dos caprichos masculinos, que não mereciam ser caluniadas, acusadas de estupidéz, se estavam privadas da educação que aos homens era permitida. Como era possível exigir-se que as mulheres educassem bem seus filhos se elas próprias eram mantidas na ignorância?

Arthur e Luciana mostram o ponto de vista de pessoas que lutaram e apresentaram posições bem mais radicais do que outros sócios do Parthenon Litterário. “A memória dessas lutas não pode ser esquecida, pois pode influenciar os rumos de lutas e reflexões que ainda estamos vivendo hoje. Pode indicar caminhos, nos mostrar que não somos os primeiros nem seremos os últimos a desejarmos certas mudanças. Mostrar

que pertencemos a uma longa tradição que remonta a pessoas como essas”, reflete Cássia. A vida dessas pessoas no passado era marcada pela busca de frestas nas regras que regiam a sociedade. Por estas fendas, alargavam os limites da sociedade. Como fazemos hoje em dia.

A retomada

Depois de 112 anos, a Sociedade reiniciou as suas atividades em 1997, a partir de um grupo de intelectuais interessados em prosseguir com as ideias de 1868. “Um grupo de pessoas que tinham admiração pelo Parthenon começou a se reunir na garagem do sócio Serafim de Lima. Eram seis ou sete pessoas ligadas às Letras e que tentavam reavivar o bom tempo da Sociedade, interrompida, mas não esquecida”, explica Benedito Saldanha, atual presidente da entidade.

O grupo conta com juristas, poetas, prosadores, artistas plásticos, jornalistas, músicos e atores. Atualmente, são 173 associados, que se dedicam a promover encontros de escritores, divulgar a literatura do Estado, montar uma biblioteca própria e estabelecer laços entre intelectuais e a população, através de visitas a escolas. Segundo Benedito, o desafio é manter a entidade viva e atuante.

“Tem entidades que desapareceram até. Desistiram porque não há apoio nenhum, não há incentivo, não há recursos. O maior sonho da entidade é conseguir uma sede própria, um espaço físico próprio, onde possamos guardar o acervo de livros”, desabafa.

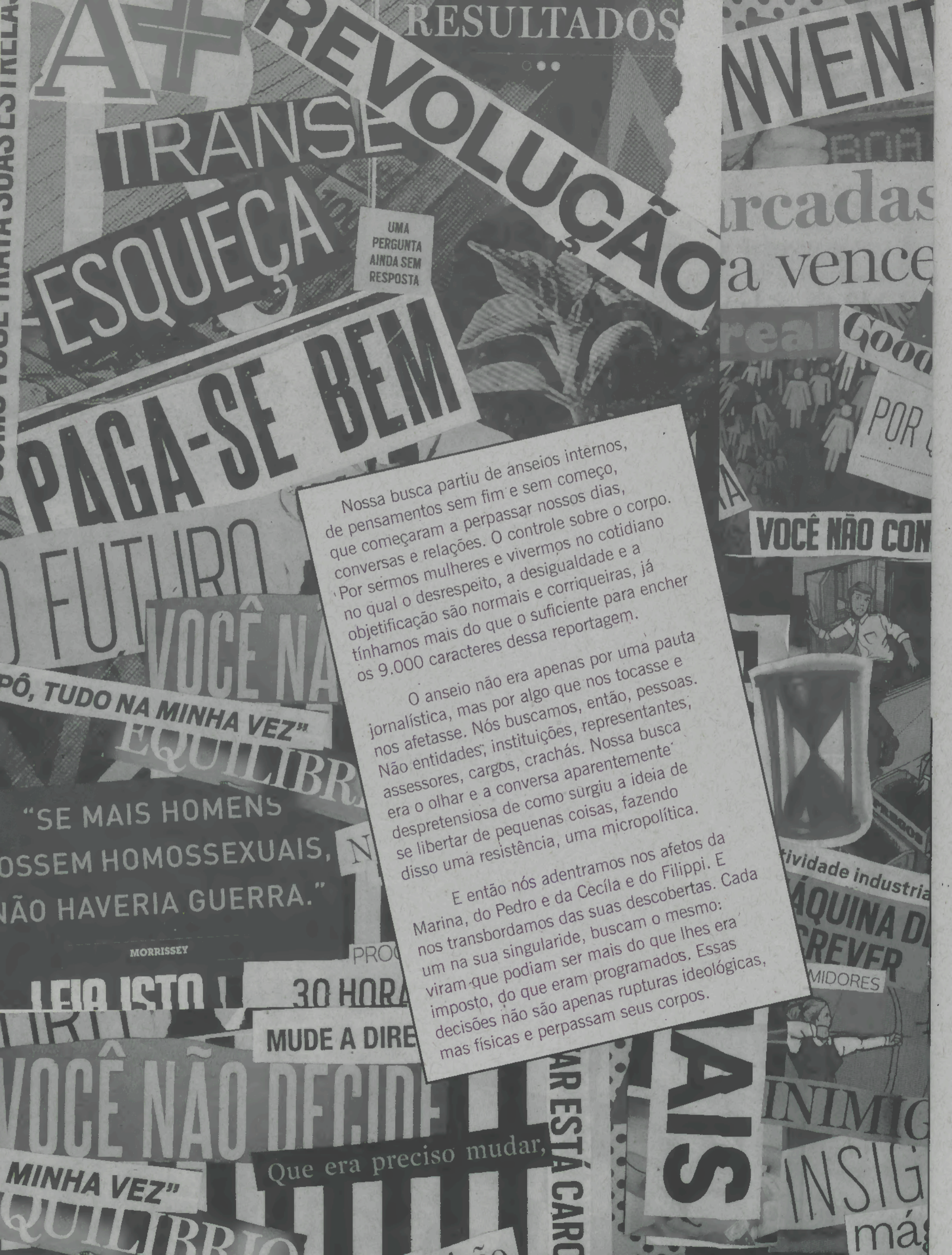
De acordo com presidente, o Rio-Grande do Sul tem um índice de leitura um pouco acima da média nacional, mas ainda muito pequeno em relação a outros países. “O papel de uma sociedade como a nossa também é de incentivar as pessoas a ler mais. O Parthenon está ajudando no sentido de fazer publicações, eventos de poesia e música para incentivar o pessoal a participar e circular o livro, para multiplicar os leitores. Não há incentivo no Estado”, aponta.

O pernambucano José Moreira da Silva tem 87 anos, 10 livros de poesia publicados, e é um dos mais tradicionais membros do atual Parthenon. Oficial reservista do Exército Brasileiro, advogado, cronista e poeta, é um dos maiores estimuladores do associativismo literário no Estado. Um dos seus maiores orgulhos dentro do ativismo cultural foi a conquista da mesma cadeira que já foi ocupada por Simões Lopes Neto na Academia Sul-Brasileira de Letras. Com sua fala também poética, João descreve a retomada do Parthenon Litterário como “uma

fênix se levantando das cinzas”. Quando questionado sobre a importância das associações literárias, a fala poética é também enfática: “nas associações, nós não pegamos o anel pronto. Nós pegamos o ouro, que é a pessoa, mas ainda está sem forma, e então vamos malhar para transformar esse ouro numa joia”, conclui.



Fotos: Camila Viero



REVOLUÇÃO

INVENT

TRANS...
ESQUEÇA

arcadas
a vence

UMA PERGUNTA AINDA SEM RESPOSTA

PAGA-SE BEM

real Good

PORE

FUTURO

Nossa busca partiu de anseios internos, de pensamentos sem fim e sem começo, que começaram a perpassar nossos dias, conversas e relações. O controle sobre o corpo. Por sermos mulheres e vivermos no cotidiano no qual o desrespeito, a desigualdade e a objetificação são normais e corriqueiras, já tínhamos mais do que o suficiente para encher os 9.000 caracteres dessa reportagem.

VOCÊ NÃO CON

VOCÊ NA

PO, TUDO NA MINHA VEZ"
EQUILIBR

O anseio não era apenas por uma pauta jornalística, mas por algo que nos tocasse e nos afetasse. Nós buscamos, então, pessoas. Não entidades; instituições, representantes; assessores, cargos, crachás. Nossa busca era o olhar e a conversa aparentemente despreziosa de como surgiu a ideia de se libertar de pequenas coisas, fazendo disso uma resistência, uma micropolítica.



"SE MAIS HOMENS
OSSEM HOMOSSEXUAIS,
NÃO HAVERIA GUERRA."

E então nós adentramos nos afetos da Marina, do Pedro e da Cecília e do Filippi. E nos transbordamos das suas descobertas. Cada um na sua singularidade, buscam o mesmo: viram que podiam ser mais do que lhes era imposto, do que eram programados. Essas decisões não são apenas rupturas ideológicas, mas físicas e perpassam seus corpos.

atividade industrial
MÁQUINA DA
PREVER
MIDORES

MORRISSEY

30 HORA

MUDE A DIRE

VOCÊ NÃO DECIDE

AR ESTÁ CARO

AS

INIMIG

INSIG
má

MINHA VEZ"

Que era preciso mudar,

QUILIBRIO

O PODER DOS AFETOS

Por Luana Casagrande
e Nádia Alibio

O GÊNESE DO CORPO

Cecília veio ao mundo às 8 horas e 45 minutos do dia 27 de agosto de 2013. Ela não nasceu num hospital, mas no banheiro da sua casa, no Bairro Bom Fim. A mãe entrou em trabalho de parto numa madrugada fria e o único lugar aconchegante era no chuveiro, debaixo da água quente. Marina recebeu Cecília de pé enquanto Pedro a abraçava. Junto com o casal, estavam o médico Ricardo, a enfermeira Zeza e a doula Zezé. Eles acompanhavam o casal desde o pré-natal, mas foi Marina quem conduziu seu parto, que decorreu sem nenhuma intervenção médica.

O pequeno cômodo cheio de vapor e afeto recebeu Cecília, que chegou ao mundo sorrindo, tranquila. Talvez não tivesse percebido que já não estava mais dentro da barriga. Foi nesse mesmo apartamento que eles nos receberam para contar como e por que optaram por um parto humanizado (vale lembrar que parto humanizado não significa ter o bebê em casa, e sim no local em que a mãe/casal se sentir mais à vontade).

Marina relatou que, desde antes de engravidar, já buscava informações sobre o parto. Quando o casal decidiu ter um filho, ela procurou orientações junto à sua ginecologista: “Fui conversar com minha ginecologista, que me atendia desde a adolescência. Aí ela falou ‘vamos fazer parto normal né’ e eu ‘sim, parto normal’. Daí ela ‘a gente faz com anestesia, é bem tranquilo’. E eu ‘não, mas eu quero sem anestesia’, e ela ‘ah não, sem anestesia tu não aguenta’. Mas por que eu não aguento? Daí eu descobri que não aguentava porque já vem com um pacote de intervenções que torna o parto mais doloroso: usar hormônios sintéticos

pra apressar o trabalho de parto fazer manobras que também são doloridas exame de toque pra ver a evolução da dilatação ficar na posição deitada, que sem se movimentar fica muito mais dolorido”.

A partir disso, o casal saiu em busca de profissionais que levassem em conta a vontade dos dois. Foi assim que eles chegaram ao médico Ricardo: “Sempre que o Ricardo e a Zeza perguntavam como a gente imaginava que ia ser o parto, eu falava que imaginava que ia estar eu e o Pedro a maior parte do tempo só nós dois e que ia ser muito tranquilo. A gente decidiu muito por ter o



a Cecília chegou ao mundo sorrindo

parto em casa em função do tratamento que dão pro bebe recém nascido. Porque a gente sabia que tendo assistência com eles, eu seria respeitada nas minhas escolhas”.

Enquanto Marina dava de mamar para uma Cecília faminta e com ganas de roubar um gravador, Pedro destacou a importância de os dois terem buscado informações em diversas fontes e de estarem seguros de suas decisões: “A Marina chegou num momento que, além de buscar opinião de outros médicos que não pensam segundo o padrão, ela buscava até artigos científicos. E a gente começou a ver que é bem mais uma coisa de um sistema se implantando do que de uma necessidade. Isso toca num ponto muito importante que é um discurso que tira o protagonismo da mulher e coloca na medicina. Como se a mulher não fosse mais capaz. A mulher tem um monte de problemas e tem que ir o médico ajudar, dar um empurrãozinho. Não é aquela coisa de que uma equipe médica vai assistir a mulher e dar o apoio necessário, é tipo assim: ‘nós vamos fazer o parto, nós vamos fazer essa criança vir ao mundo, porque nós sabemos qual é o método’”.

Pedro e Marina foram contra o sistema do nascimento de hospitais, de todos os procedimentos sintéticos, exames

invasivos, medicamentos para acelerar o parto e a imposição médica à vontade das famílias. Essa conduta, por vezes, não respeita o corpo da mãe, nem do bebê. Assim, já nascemos sem o controle do nosso corpo.

Os dois concordam que a gravidez, hoje, passou a ser tratada como algo totalmente sistemático e artificial, como apontou Marina: “Em vez de transformar o momento do nascimento numa coisa de transição, que tu tá saindo de um lugar todo protegido, aconchegado, quentinho e escuro, e fazer uma transição mais suave, tu faz uma transição brusca, desnecessária”.

Atualmente, o Brasil é o campeão mundial em cesarianas, com 52% dos partos feitos por meio da intervenção cirúrgica. A maioria das mães engravidada e aceita as instruções do seu médico, sem questionar e buscar outras fontes. Pedro acredita que as cesáreas são estimuladas pelos médicos porque contribuem para a dinâmica do hospital: “Pros hospitais é muito mais prático fazer procedimentos mais complexos e que possam ser marcados. Então, tu agendando a cesariana, tu tem teu centro cirúrgico ocupado todos os dias. A cesariana tem casos em que ela é realmente necessária, mas, infelizmente, acaba sendo uma coisa mercadológica. De tu poder marcar cinco no mesmo dia, saber quando é que vai ser, saber que não vai ter que passar um dia inteiro acompanhando o trabalho de parto. Então acaba sendo uma coisa assim, prática pro médico”.

Os dois concordam que o principal ponto da humaniza-

ção do parto é que a vontade do casal seja levada em conta: “Que a mulher, a criança e o próprio pai sejam mais respeitados nas suas decisões. Acho que a humanização do parto ela tem muito a ver com isso sabe, não só com fazer parto em casa, mas que o próprio Estado, através dos hospitais públicos e os próprios hospitais privados eles tenham essa diretriz assim”, finaliza Pedro. A Cecília já bocejava quando nós nos despedimos.

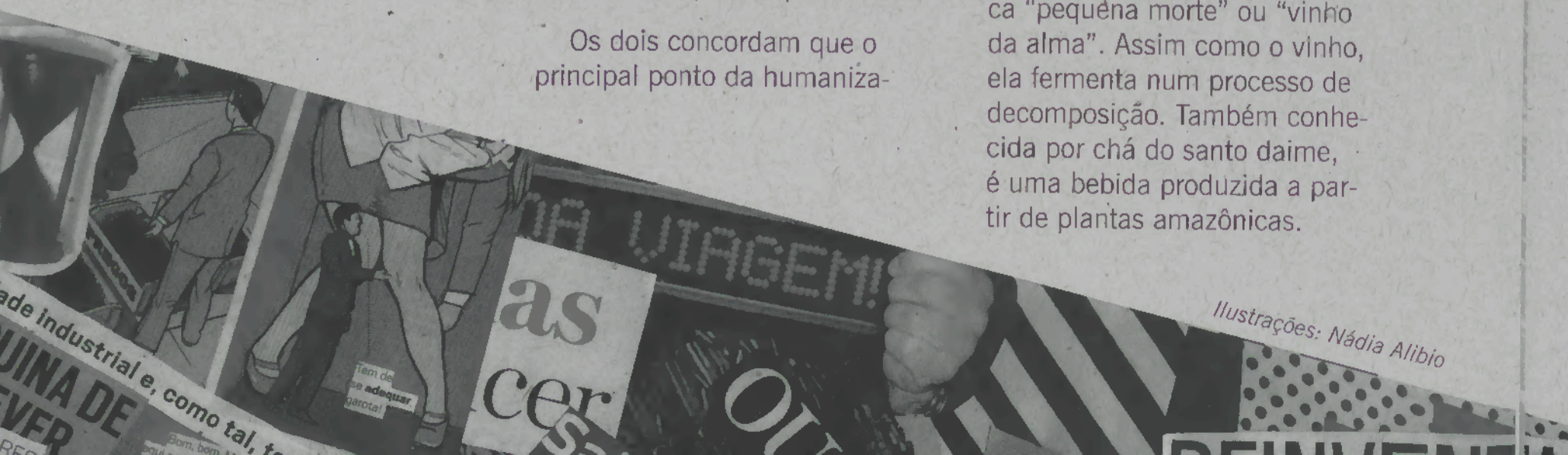
O APOCALIPSE DO CORPO

A Nina e o Pedro puderam libertar o corpo da Cecília de uma série de imposições do parto, mas ainda é só o início. Nem sempre nossos corpos nascem livres. Ao longo da vida, podemos inventar, reinventar e desinventar nossa corporalidade de acordo com nossa identidade. Nunca é fácil, simples ou indolor. A morte chega no meio desse processo, faz parte dele.

O Filippi é ator. O corpo dele é sua ferramenta de trabalho, de pesquisa. A revolução dele veio da crise. Encontramos com ele após assistirmos à sua peça. Ele vinha no ônibus apreensivo em porquê queríamos falar sobre daime. O Filippi desinibido do palco estava com receio de entrevista. Quando chegamos, ligamos o gravador e deixamos num canto. Entre um pedaço e outro de pizza, conversamos.

Ayahuasca em quechuo, uma língua indígena de povos da América do Sul, significa “pequena morte” ou “vinho da alma”. Assim como o vinho, ela fermenta num processo de decomposição. Também conhecida por chá do santo daime, é uma bebida produzida a partir de plantas amazônicas.

Ilustrações: Nádia Alibio



A primeira experiência de Filippi com o daime aconteceu meio que por acaso. "É o pior gosto que existe. Então tomar já é um ritual de coragem, de descobrir novos mundos. Já que você tá botando pra dentro de si algo que não é bom, que não é palatável". Ele estava em um sítio onde ocorria o ritual e, levado pela curiosidade, acabou experimentando: "Eu comecei como quem cai de paraquedas. Eu faço teatro, então eu tô sempre buscando coisas novas. Sentamos em roda e nos explicaram algumas coisas, nos falaram da *ayahuasca*. Eu bebi aquele líquido e fechei os olhos. 20 minutos depois, meu corpo entrou em outra sintonia. A respiração era diferente, o mundo que eu conhecia tinha morrido".

O efeito alucinatório da *ayahuasca* é diferente do LSD – que é uma droga sintética. A dimetiltriptamina, substância psicoativa presente em nosso corpo porém inerte, é ativada com a ingestão do daime. Há estudos que mostram que ativamos naturalmente a dimetiltriptamina pelo menos duas vezes na vida: uma quando nascemos e outra quando morremos: "Ou seja, os dois maiores períodos de crise do ser humano, quando você morre na barriga, pra nascer pra vida, e quando você morre da carne", conta Filippi.

Com a ingestão do daime, todos os sentidos são afetados, e novos significados aparecem. "Tudo começa a virar energia, força, tão forte que o corpo não reconhece. É como se fosse um sinal de morte. Então você começa a passar mal porque o corpo começa a se defender do que ele não conhece, é uma forma dele lidar com isso. Os xamãs chamam de limpeza. Eu digo: mano, vomitar e cagar não é limpeza, é uma merda".

É comum ter essas "reações adversas" no início da experiência com o daime, mas o Filippi enxerga na crise uma oportunidade de superação. "Nós vivemos nossa vida com um limite: o medo e a dor. E você sempre vai buscar pelo prazer. Tudo que envolver desconhecido ou medo, você bloqueia. A partir do momento que você enfrenta, é um processo de iluminação".



☞ O corpo tem fome, a alma flutua ☞

Hoje, depois de entender como o daime funciona e muda seu corpo, o Filippi usa seus momentos de crise/iluminação também no trabalho. Seu projeto de mestrado investiga como rituais de origem xamânica* podem afetar o estado criativo do ator. "A vida é dinâmica, não acontece sem se mover e é infinita. É infinita tua capacidade de criar mundos dentro da finitude do teu corpo. É infinita tua capacidade de se renovar num relacionamento dentro de dois corpos. Só que você tem que se articular, tem que ir cada vez mais fundo. Se a planta cresce sempre contra a gravidade, ela tá sempre rompendo, ela tá sempre em crise. Pra crescer você tem que ter uma crise, nem que seja

a ideia de gravidade. É uma ideia simples, mas faz a diferença".

Além disso, a *ayahuasca* trouxe uma perspectiva menos materialista à vida dele. "Todo mundo tem capacidade de ser livre, porque tá dentro de você. Mas você é livre o caralho, porque antes de viver, o corpo quer sobreviver. O capitalismo se articulou a partir do modo de vida do ser humano, da sua necessidade de sobreviver. Tá pelo raso, não tá pela sua crise, pela sua evolução. A dimensão física e material tem suas limitações e o sistema vai usar isso pra dominar o ser humano".

Ano passado o Filippi passou 21 dias num retiro chamado "Viver de Luz".

Ele passou esse tempo dormindo no chão, isolado em meio à natureza, com a alimentação escassa e meditando muito. Perguntamos como ele ti-

nha voltado (imagina-se aqui que ele voltaria em paz, tranquilo). "Minha mãe achou que eu ia voltar um Buda... Voltei puto, com uma sede de viver. Eu achei que ia voltar em paz. Mas a paz é a morte: 'vá em paz', 'durma em paz'... Não existe essa paz em vida. A vida é dinâmica, se move".

*A palavra xamanismo foi criada por antropólogos para definir um conjunto de crenças ancestrais.

Foto: Riccardo Romano

OFÍCIOS DE FÉ

por Henrique Dellazeri



Ilustração: Nathalia Tessler

A porta entreaberta convida quem chega a entrar. Ainda é cedo e o ritmo é outro. A conversa que vem da sala rompendo o silêncio da manhã de domingo anuncia a presença das visitas. Sentados em roda, os olhares convergem em direção à dona da casa. Seus cabelos brancos contrastam com a fala agitada e o jeito inquieto. Arrumada, ouve os convidados como se já fizessem parte daquele cenário. “E tu, como tá?”, pergunta em tom decidido à mulher na cadeira ao lado. “Melhor”, ela responde. Mas voltara buscando ajuda outra vez. Prontamente, a senhora levanta e se dirige com firmeza até a mulher. Com as mãos, envolve sua cabeça e murmura algumas palavras tranquilamente. Essa cena já se repetiu muitas vezes e outras tantas ainda virão.

Pelas ruas, corre na direção contrária àquela que todos parecem seguir uma forma de tratamento antiga e tradicional. Alguns dizem que se esconde, mas permanece viva na cultura popular que há muito tempo recorre à benzedura. O boca a boca se encarrega de levar até as pessoas que benzem quem quer que esteja procurando por elas. Longe ou perto, estão em todo lugar. Suas ervas, rezas ou até chás fazem parte do tratamento para doenças do corpo e do “espírito”. De dor de cabeça, febre e alergias até mau olhado e quebrante, difícil não conhecer alguém que já tenha procurado socorro em suas mãos.

Ilma Frank, 72, é benzedeira. Mora no interior de Arroio do Meio, em uma casa simples e acolhedora. Com gosto, ajuda a todos que recorrem ao seu conhecimento. "A benzedura é uma grande ajuda". A explicação é curta, mas não há dúvida ou hesitação em sua voz. Ilma define através das pessoas que a procuram aquilo que faz. "Por que tanta gente precisa de mim? Estudo eu não tenho. Mas depois eu descobri por que: tantas e tantas crianças que eu já tive na mão e curei. E gente grande também." Ela já foi levada para hospitais diversas vezes. Em uma das ocasiões, passou-se por tia de um dos enfermos para atender ao chamado. Orgulhosa, conta que foi descoberta e, para sua surpresa, pediram que avisasse logo de sua presença para autorizarem a entrada. "Pra muitas coisas o médico não consegue fazer nada", defende.

Os instantes de silêncio que precedem a morte levam Ivo Bruch, 76, a um quarto de hospital. Lá, ao lado da cama de um paciente solitário que em breve se despede, aguarda em meio ao tiquetaquear de um relógio que bate cada vez mais devagar. "Os velhos, os familiares me pedem pra benzer eles. Aqueles que vão 'dormir para sempre'. O último, me convidaram para cuidar no hospital. Tinha 10 filhos e nenhum queria cuidar dele". Sereno, o benzedor fala com a naturalidade de quem já presenciou os extremos da vida. Quando a cura está descartada, seu esforço leva amparo aos doentes. Orando, Ivo benze os pacientes com as folhas que o pai lhe ensinou a usar. As três ervas que leva na mão acompanham-no em cada prece.

Ele aprendeu o ofício ao "ler um livro proibido pela religião. Foi copiado do sétimo livro de Moisés, que escreveu nove. Desses; o sexto, o sétimo, o oitavo e o nono eram proibidos", fala em menção aos livros apócrifos, cartas, narrativas da criação e profecias apocalípticas retiradas da bíblia por não reconhecerem os ensinamentos de Jesus Cristo. De acordo com o benzedor, estes livros ensinam as magias utilizadas pelo profeta para realizar os milagres descritos no Antigo Testamento. São conjurações e orações utilizadas por ele. "As pessoas acreditam e isso é bom pra elas", explica.

Há 40 anos, pegaram na mão de Ilma e lhe disseram que tinha uma grande força: Uma força da qual ela não tinha conhecimento. Era um bugre, conta, que lhe explicou pela primeira vez o que deveria fazer dali em diante. "Eu faço porque não é cada um que tem esse dom. A gente precisa aproveitar. Se eu não faço, quem faz?". De lá pra cá muita coisa mudou, mas os caminhos da tradição permanecem firmes em sua memória, sem que duvide em momento algum do que aprendeu. Agora o relógio bate mais rápido, a noite se apressa e os dias andam desavisados. O trabalho de Ilma e Ivo acompanhou avanços na medicina e nos sistemas de saúde, mas, curiosamente, não teve de competir com nenhum deles. É preciso ter fé, "quem não acredita, é difícil ajudar", avisa a benzedeira. O vai e vem de

pessoas acusa: "aqui, se eu tô em casa, o dia inteiro vem gente pra benzer. Às vezes são horas da noite. Me dizem pra não abrir a porta, mas eu abro."

Chega pelo portão da casa de Ivo, como quem já está acostumada, uma senhora trazendo consigo alguns nomes em um pedaço de papel. "Isso, me entrega que eu já sei o que fazer", orienta com satisfação o senhor de semblante tranquilo. Foi a "fofoca", brinca, que levou até as pessoas o conhecimento de seu ofício. Com o nome daqueles que buscam seu amparo, benze inclusive os que estão longe. As histórias que tem para contar narram um passado de lutas. Em meio aos esforços para construir sua própria casa e se estabelecer, também encontrou tempo e espaço para dividir com os outros suas conquistas. Alguns partem, mas continuam recebendo sua ajuda mesmo à distância.

Assim como ele, Ilma não demorou a ficar conhecida. Depois de ajudar a primeira pessoa na cidade, por indicação da irmã, as notícias se espalharam ligeiro. Em pouco tempo, muitos passaram a frequentar sua casa ou



Foto: Henrique Dellazeri

buscar ajuda mesmo através do telefone. Rapidamente conquistou a confiança de vizinhos e conhecidos. “Eu noto quando eles estão melhorando”. Mesmo os mais céticos ficam sem respostas. Ela conta sobre a visita ao genro no hospital: “eles não queriam nos deixar entrar. Eu disse que não saía de lá. Aí entrei, dei a mão pra ele e pedi o que aconteceu. Benzi e tive de sair. Quando a enfermeira entrou, ela veio correndo avisar que ele estava sentado na cama. De noite ganhou alta. Ele acredita muito agora.”

No interior de suas casas, convidam as visitas para sentar e ouvem tudo que têm para lhes dizer. De acordo com o problema, oferecem sua ajuda. Com orações, tratam o mal da pessoa que procura refúgio ao seu lado. As visitas se repetem, até que a doença tenha desaparecido. No processo, o que permanece é a generosidade. No rosto, cada ruga, fruto da idade, não marca apenas o tempo. Marca a dedicação e o trabalho voltado ao próximo. Há muito, pessoas

como Ilma e Ivo trabalham, em sua simplicidade, pela solidariedade. Curandeiros, rezadeiras e parteiras guardam consigo as marcas de um passado simples e de dificuldades. Em busca de superação, conquistaram seu respeito.

“Eu tô feliz se eles saem felizes. Vem gente que eu mesma não acredito que vai se curar. E eles conseguem. É a melhor coisa, se eu tenho alguém muito mal ou doente e no outro dia eles vêm bem. É algo que pressiona a gente. Isso é a minha felicidade”, conclui a benzedeira. Na tradição de um ofício de fé, eles aprenderam a ouvir pessoas. Aprenderam a sentir junto delas e a aceitá-las. “Eu tô mais feliz se eles vêm sujeitos do que com gravata e fatio-ta”, reconhece Ilma. Quem busca refúgio, mesmo sem entender como, sabe que ali vai encontrar. Na tradição de um ofício de fé, eles aprenderam a ajudar. “É uma força; sabe. Não sei. Não tem explicação.” Basta que alguém os procure e eles vão estar lá.



Foto: Henrique Dellazeri

NO ALÇAPÃO DAS LEMBRANÇAS

Fragmentos do passado de um ex-militante político à margem do tempo

por *Thaís Seganfredo*

– A situação toda tem a ver com a casa onde eu morava.

Era 12 de abril de 1972 quando Barnabé Medeiros Filho foi preso em São Paulo. Saía do extinto Banco Português do Brasil, onde trabalhava, determinado a jogar fora um exemplar do Frente Operária, jornal do Partido Operário Revolucionário – Trotskista, o PORT. Naquela época, era um perigo andar pelas ruas com uma publicação clandestina. Levado para o DOI-CODI, Barnabé foi torturado durante toda a tarde e parte da noite. Os agentes queriam saber onde era sua casa. A residência seria a sede da próxima reunião do partido.

Às onze horas da noite, Isolda voltou para casa e não encontrou o marido. Assim como os lares vizinhos, a casa de número 25 da Rua General Salgado dos Santos, na Vila Alpina, estava silenciosa. Isolda passou a andar pelos cômodos, preocupada, enquanto um companheiro de partido dormia. A certa altura da madrugada, ouviu um barulho de motor de carro, o que nunca acontecia em um bairro de periferia como aquele. Abriu o postigo da porta e viu Barnabé indo para a casa do lado. Imediatamente, entendeu a situação.

– Eu não resisti e entreguei onde eu morava – ele contou, 41 anos mais tarde, em depoimento à Comissão da Verdade Rubens Paiva, da Assembleia Legislativa de São Paulo. – Mas eu tinha um plano, contando com um alçapão que ficava embaixo da cama como rota de fuga. Em vez de levar os tiras na minha casa, levei na casa vizinha.

Isolda acordou o colega, que conseguiu sair pelo alçapão. Ela não teve tempo. Os policiais perceberam logo o engano, invadiram a casa e decretaram voz de

prisão. Junto com o marido, ela ficaria presa por mais dois anos no Presídio Tiradentes e no Carandiru. Os agentes do DOI-CODI se instalaram na casa de Barnabé.

No dia 14 de abril, Rui Pfützenreuter chegou ao endereço para a reunião, como havia sido combinado entre os companheiros de partido. No dia seguinte, apareceu morto. A versão dos militares é a de que ele reagiu à voz de prisão e trocou tiros com os agentes. Mesmo identificado, ele foi enterrado como indigente.

Rui era um dos dirigentes do PORT e o responsável pela gráfica do partido, cargo que Barnabé ocupava anos antes. O partido foi fundado em 1953, em defesa de uma revolução proletária, com influência do excêntrico argentino J. Posadas. Contrário à luta armada, a organização enviou seus membros para trabalharem nas indústrias e no campo. Muitos largaram os estudos para se dedicar à causa, inclusive Barnabé. Com o golpe militar, o PORT se enfraqueceu. Atualmente, sobrevive como uma corrente organizada dentro do PT.

O peso histórico das paredes de mais de 150 anos do Presídio Tiradentes se tornou o novo lar de Barnabé. Na época, ele tinha permissão para visitar a Torre das Donzelas, como ficou conhecida a ala feminina da cadeia, onde Isolda ficava. Uma das suas companheiras de cela era uma jovem de 25 anos que seria mais tarde a primeira mulher presidente do Brasil.

– A Dilma era muito diferente daquela imagem que se tem dela hoje. Era uma pessoa muito alegre, que adorava colocar apelido nos outros – Barnabé me contou durante uma conversa,

rindo. – Tinha uma presa que se chamava Joana D'arc. O apelido que a Dilma pôs nela? Fogueira.

O Tiradentes foi demolido no final de 1972, e Barnabé foi transferido para o Carandiru. Quando saiu da prisão, foi procurar emprego como jornalista. Lutar como antes já não era uma opção. Tinha os anos de experiência no jornal do PORT e seu alinhamento à causa operária. Foi parar nos jornais da região do grande ABC, em São Paulo.

Chegou a sentir resignação durante os anos de ditadura?

– Resignação, não. Houve períodos em que eu enrolei a bandeira, simplesmente porque precisava ganhar a vida, eu e Isolda tivemos um filho. Me desiludi com alguns aspectos da militância. As coisas mudaram. Mas resignação, não. Escolhi ser jornalista porque, já que não ia conseguir fazer a revolução no meu país, queria ser um espectador privilegiado.

As mãos tremiam enquanto ele reunia as várias sacolas que levava consigo, mas sua voz era serena e acolhedora. Barnabé era já um homem de cabelos brancos. Minutos antes, havia dado uma palestra a alunos de Jornalismo da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul para promover seu novo livro, 1964 – O Golpe que Marcou a Ferro uma Geração. Em tom didático, reviveu seus tempos de militante estudantil em Porto Alegre nos primeiros anos da ditadura.

– Havia um orgulho muito grande de ser estudante, porque a gente considerava que estava lutando por um país melhor – lembrou, com certa nostalgia na voz. – Esse mesmo sentimento eu percebia nos metalúrgicos quando cobria o movimento sindical em São Paulo, no começo dos anos 80. São momentos em que determinadas categorias se colocam na vanguarda da sociedade.

Naquela época, ele já militava pelo PORT e estudava no colégio Júlio de Castilhos.

– A gente tinha que se encontrar na Praça XV de Novembro e era aquela coisa... vinham grupos separados, tinha muita gente circulando por ali. De repente alguém soltava um fogo de artifício.

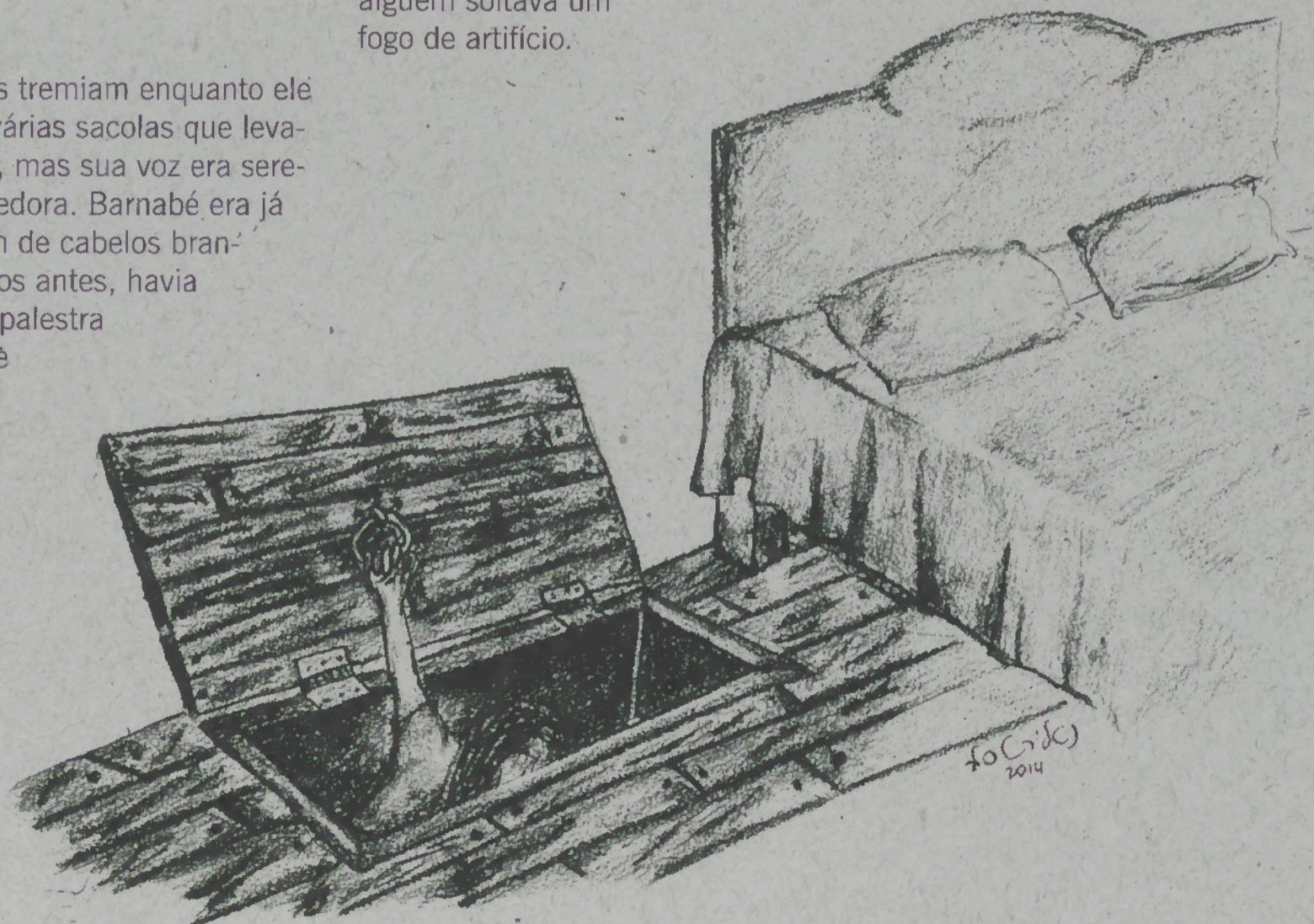
Era o sinal pra reunião. Se desenrolavam faixas e começava a passeata. Vinha a polícia e aí a gente usava algumas táticas de combate – contou aos alunos, se referindo à tática de jogar bolinhas de gude na rua para derubar a cavalaria da repressão.

Depois que concluiu o ensino médio, ele decidiu se dedicar integralmente à militância.

– Entrei pra universidade e, no meio desse caminho, disse: não, não quero mais nada disso. Vou fazer a revolução no meu país.

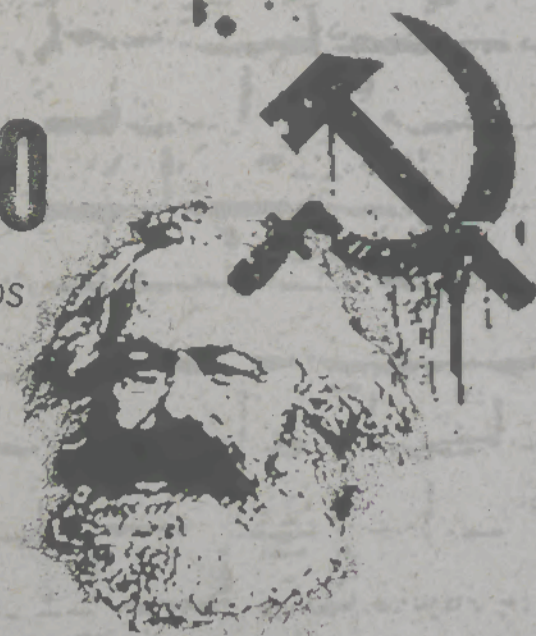
Terminada a exposição, um estudante levantou a mão para perguntar se Barnabé se identificava mais com a posição política de esquerda ou de direita. Ele hesitou por alguns segundos antes de responder em um tom moderadamente indignado:

– Depois de tudo o que eu falei, você ainda pergunta?



A ESQUERDA CONTRA O MURO

por Vicente Medeiros



O capitalismo passa por uma nova crise e os movimentos de esquerda continuam separados. No entanto, essa desunião não é por interesses pessoais. Ela representa as diferentes ideologias dentro do movimento. A heterogeneidade dentro da esquerda é maior do que imaginamos e isso vem servindo muito mais à direita.

Social dos Trabalhadores Unidos (PSTU), e Nubem Medeiros, militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) - são céticos em relação à política vigente tanto a nível mundial quanto nas terras tupiniquins. Além disso, ambos acreditam apenas na Revolução Socialista como forma de transformar a sociedade. Atenciosos, os gauches possuem opiniões divergentes, mas tem um ponto em comum: o principal inimigo da classe trabalhadora é o capitalismo.

embargo dos Estados Unidos da América, não encontrou espaço para crescer e aprofundou-se na ditadura. O fim do socialismo russo dificultou ainda mais a possibilidade de alcançar o comunismo.

O PCB segue uma linha de apoio a todos os movimentos que lutam pelo fim do capitalismo. Na visão de Nubem, é um erro condenar os sistemas socialistas, independente do rumo que eles tomaram. O militante do PCB reconhece os erros do Stalinismo, mas comenta que as mortes praticadas pelo regime soviético não são diferentes das mortes nas filas de hospitais ou pela fome, recorrentes em países capitalistas. Ao mesmo tempo, a obesidade é a principal doença dos países "ocidentais". A solução para esses antagonismo é o fim das desigualdades sociais, o que somente o Comunismo propõe. Nubem lembra que encarar a desigualdade social como algo inerente a sociedade é um dos principais venenos inoculados pelos capitalistas. "Não existe o porquê de a desigualdade existir. Somos todos iguais e membros de um mesmo sistema. Portanto, temos que nos organizarmos para construir uma realidade melhor a partir de nossas potencialidades de auxiliar a sociedade", afirma. E finaliza com uma pergunta: "Porque eu, dono dos meios de produção, tenho que receber mais

O PSTU é um partido de linha Trotskista e condena a situação que chegaram os regimes revolucionários da União Soviética e de Cuba. Vera ressalta que "o movimento nasceu do povo e com a intenção de salvar o proletariado da exploração que vinha sofrendo". Ela lamenta que ambas as revoluções tenham se tornado ditaduras para não perder os avanços sociais conquistados. O movimento acabou por desestimular outros países a seguir a revolução socialista com o medo de chegar ao mesmo fim. Vera ainda lembra que um país sozinho não é capaz de vencer o capitalismo e apenas uma revolução global pode reunir forças para derrubar o capitalismo, o que demonstra a linha Trotskista do PSTU. Caso isso não ocorra, a possibilidade de fracasso é inevitável. Cuba, uma ilha pequena e sem relevância, agravada com o

O capitalismo é um sistema cíclico que funciona com períodos de expansão e retração. A crise financeira de 2008 foi um desses momentos de recuo e causou grandes repercussões nos rumos da sociedade. Desde 1929, o sistema capitalista não vivia um momento de tão forte contestação. O aumento considerável dos movimentos anti-capital e as dúvidas em relação aos partidos que estão no poder deram forças para legendas extremistas, principalmente as ultranacionalistas. Neste período de derrocada do neoliberalismo, a esquerda manteve-se separada, até mais dividida do que antes. O Brasil é um exemplo disso. Dois militantes da extrema esquerda - Vera Guasso, militante do Partido

que todos meus empregados? Apenas porque sou dono dos meios que produziram essa riqueza?" A resposta não tardou: "As máquinas não teriam gerado riqueza sem a força do proletariado", conclui.

Luxo e Consumo, para Nubem e Vera, são as principais armas do capitalismo, e muito bem usadas, contra os trabalhadores. Nubem Medeiros lembra que "O muro de Berlim caiu, mas para o lado errado." E logo exemplifica com uma viagem recente a Alemanha, onde era perceptível a divisão entre as duas Alemanhas. "O lado socialista da Alemanha era humilde, não tinha todos os ornamentos, luzes e propagandas que estavam presentes na parte capitalista. Isso acaba tornando-se uma vitrine de ilusões". A população socialista alemã buscava mais liberdade, queria a manutenção do estado de bem-estar-social, mas também queria a oportunidade de viver e consumir tudo aquilo que estava do lado ocidental. A unificação alemã foi uma vitória para o povo, mas não deixou de ser uma decepção. Aquilo que estava nas prateleiras para ser consumido continuou no mesmo lugar. Pouquíssimos tinham o verdadeiro privilégio de consumir.

O PSTU e PCB trabalham no intuito de informar a população sobre as diferenças entre direita e esquerda, mostrar o que propõem os comunistas e, principalmente, conscientizar a população da

exploração que ela sofre. A luta está principalmente em mostrar que não chegamos ao fim das ideologias, discurso a serviço da direita. Por isso, participam da política, pois veem nela um importante meio de divulgar o pensamento da extrema esquerda. Mesmo apertados em minúsculos horários na propaganda partidária e com poucos recursos do fundo partidário, é uma oportunidade única de difundir a ideologia nos televisores, rádios, jornais e revistas. No entanto, não creem em um horizonte mais longo para a política. A descrença no sistema está principalmente na sua organização que privilegia os mesmos no poder, a fim de evitar agitações e surpresas que possam colocar em risco quem está no comando, os grandes capitalistas.

Pode-se acreditar que a esquerda esteja unida a favor do proletariado e contra os donos dos meios de produção. Porém, não é isso que acontece. Os diversos partidos políticos, todos à esquerda, não têm como hábito a defesa mútua. Na visão de PCB e PSTU, o Partido dos Trabalhadores (PT), primeiro grupo político de esquerda a chegar ao poder, não é diferente dos demais partidos de direita. Questionados se votariam no PT para evitar a direita, foram diretos. "Porque votar neles se temos nossos próprios candidatos? Além disso, não existe diferença na gestão entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido

Progressista". Nubem Medeiros ainda exalta as divisões dentro do PCB. "Tivemos um processo e dois grupos deixaram nosso partido e hoje são conhecidos como PC do B e PPS, partidos de direita e, com toda a certeza, apenas atrasariam ou rachariam a ideologia do nosso partido", explica. A desunião, além de ideológica, também se deve ao financiamento dos grandes empresários. "Não se pode acreditar que recebendo verbas de empresários a conta não vai ser cobrada um dia", lembra Vera. "Algum dia, essa conta vai ser cobrada", sentencia a militante do PSTU. Para sobreviver, PSTU e PCB vivem de doações voluntárias ou obrigatórias para sustentar os companheiros e manter a luta. A obrigatoriedade da contribuição de membros do partido serve para continuar na luta e evitar ser mais um refém dos grandes empresários, como acontece com os demais partidos.

Gilles Deleuze disse que a esquerda era sempre minoritária e este era seu lugar natural e inalienável. Esta seria uma boa ideia se a sensibilidade da esquerda sempre estivesse ao lado daqueles que conseguem sentir a exclusão da minoria. Mas ela é suicida. A esquerda no momento que deixa de nomear o sofrimento que afeta a maioria abre a possibilidade para outros o fazê-lo. A história já mostrou isso, a população não vai perceber o erro de seguir partidos de ultradireita. Isso já ocorreu em um trágico momento na história e, facilmente, fascistas vão praticar os mesmos crimes com novas vítimas, mas seguindo a mesma essência. Marx afirmou que a história acontece primeiramente como tragédia, depois como farsa. Por isso, trabalhadores do mundo, uni-vos! Porque o inimigo já está organizado.



Ilustração: Nádia Alibio

“AQUI NÃO É AMADOR. É VÁRZEA MESMO!”

por Filipe Strazzer Santiago

No futebol, a palavra “várzea” geralmente remete a algo negativo, de pouca qualidade ou tosco. Ninguém gosta de ser chamado de “jogador de várzea”. Ou quase ninguém. Para os atletas e organizadores dos campeonatos varzeanos realizados no Parque da Redenção, em Porto Alegre, a várzea é motivo de orgulho e levada a sério. Para se ter uma ideia, eles nem se consideram jogadores amadores.

“O amador, que é o que tem ficha na Federação [Gaúcha de Futebol], de amador não tem nada. Ele é um semiprofissional. Tem alguns que têm até nutricionista, preparador físico e treinamentos durante a semana e, para faturar um dinheiro, eles vêm jogar nesses times de várzea. Isso não é certo”, diz Mário Ávila, presidente da Liga de Futebol da Redenção, sobre a razão pela qual os amado-

res não são permitidos nas competições organizadas pela entidade.

“Nosso foco são os trabalhadores e estudantes, o jogador de final de semana”, completa o presidente.

Um exemplo das disputas da várzea é a Copa Ouro. Torneio que reúne 12 times, separados em duas chaves e depois no sistema “mata ou morre”. O jogo de abertura da competição é entre as equipes do Coliseu Ajax, do Bairro Jardim Botânico, e o União FC, um combinado da Zona Norte de Porto Alegre, no dia 14 de abril. O Coliseu joga com um uniforme laranja, muito semelhante ao da seleção holandesa, enquanto o União disputa a partida de uniforme com as cores – por incrível que pareça – iguais ao do Ajax da Holanda, o original, vermelho e branco.

“Tu vai ver aqui jogos melhores que no profissional”, garante Marcelo Schmitt, vice-presidente da Liga. E foi isso que aconteceu. A partida foi bastante disputada nos 80 minutos – 40 em cada tempo, mas com superioridade do Coliseu, que teve as melhores chances. Conforme o jogo seguia, a poeira subia, literalmente. O campo é uma mistura de terra e areia, com pontos isolados de grama, apenas nas laterais. E entre a névoa e o frio da noite do outono porto-alegrense, os laranjas do Coliseu chegaram primeiro ao gol, com Andrey da Silva, camisa 7, numa falha da zaga adversária. Na comemoração, não há dancinhas, camisa levantada ou qualquer outra “firula”, apenas a boa e velha corrida para o abraço. Com o final do primeiro tempo, nada de partir para cima dos árbitros – apenas dois juízes, sem nenhum bandeirinha. Todos foram descansar e receber instruções no banco de

reservas. “[Jogar sem auxiliares] dá menos confusão”, explica Ávila.

Para quem pensa que várzea também é sinônimo de desorganização, o que vi nesse torneio foi uma grande surpresa. A Liga mantém um cadastro digital de todos os atletas que disputam e que já disputaram os torneios organizados pela entidade, somando assim mais de 600 jogadores. “Se o Brasileirão fosse organizado por nós, a Portuguesa não tinha caído”, afirma Mário Ávila. “Antes de cada partida, nós checamos a situação de cada jogador. Assim, sabemos se há alguém suspenso por cartão ou qualquer outro impedimento”, acrescenta o presidente. Uma mesária fica encarregada de checar identidade e situação de cada jogador, além de verificar se cada time pagou a inscrição dos atletas.

No caso citado, o da Portuguesa, o time paulista escalou um jogador suspenso por cartão vermelho, tendo perdido 4 pontos e sendo obrigada a jogar a segunda divisão do

Campeonato Brasileiro. Na várzea, não teria acontecido. Além disso, o regulamento da Liga, criado e aperfeiçoado desde 2004, é seguido à risca, determinando condutas e punições. Por exemplo, se algum jogador brigar em campo, ele é automaticamente eliminado da competição. Se for uma “batalha campal” entre as equipes, as duas estão fora da mesma forma. “Não há como ter julgamentos do tipo do STJD [Superior Tribunal de Justiça Desportiva]”, diz a entidade.

Os jogadores voltam ao segundo tempo com o mesmo espírito da primeira etapa: partida aberta. Embora o jogo seja corrido e bastante disputado, o número de faltas é bem baixo, e o que não faltam são belas jogadas. Presenciei bolas na travessa, chutes de fora da área com muito perigo, chapéus, dribles da vaca e tabelinhas comparáveis a grandes competições profissionais. Mesmo assim, o Coliseu conseguiu imprimir a mesma superioridade do primeiro tempo e, aos 25 minutos,

marcou com Renan Cardoso, número 23. Aos 31, Jeferson Reis, o camisa 10, fechou o placar de pênalti. Coliseu Ajax 3 a 0 contra o União FC, abrindo a Copa Ouro.

No final do jogo as reclamações são poucas e recaem apenas a falta de um gramado. “Tá bem bom o que temos aqui. Falta só arrumar a grama”, explica Rodrigo, jogador do Coliseu Ajax.

“A várzea evoluiu bastante. Às vezes a gente ouve nas narrações esportivas: ‘ah, mas que várzea!’. É a típica pessoa que não sabe como é que é, não foi ver como é que está a várzea”, comenta Marcelo Schmitt. A várzea realmente surpreendeu. Um torneio organizado, com um regulamento respeitado pelos jogadores e equipes. Pessoas que sentem orgulho do que fazem, mesmo que seja só lazer ou exercício. Pessoas que fazem a várzea ser mais profissional do que os próprios profissionais. Então, muito cuidado da próxima vez que disser que algo “é uma várzea”, você pode estar fazendo um grande elogio.



MAIS MÉDICOS

CUBANOS NO BRASIL

por João Francisco
de Campos Lima

Uma fina chuva teima em se prolongar na tranquila tarde de 1º de maio em Charqueadas. É feriado e o trabalhador Sérgio Cuellar Acosta dispõe-se a conversar sobre a nova etapa da sua vida. Há oito meses no Brasil, Sérgio é um dos médicos cubanos que vieram ao país por meio do programa Mais Médicos com o propósito de colaborar na assistência médica à população, com a eficiência e a doação humanitária que ele diz ser típica dos profissionais da ilha governada por Raúl Castro. Amante do churrasco e das pessoas daqui, o cubano demonstra em cada palavra o amor pela profissão e pela ajuda ao próximo.

Nascido em Colón, município pertencente à província de Matanzas, passou a morar na capital do local, que leva o mesmo nome, quando ingressou na universidade para estudar medicina. Sérgio Acosta chegou a desejar ser engenheiro naval quando era mais jovem, pois é apaixonado pelo modo de vida litorâneo. Porém, o amor pela medicina falou mais alto. Formado em 1991, o médico de 47 anos já participou de outras duas missões internacionalistas: a primeira foi na Venezuela, durante três anos; na segunda passou dois anos na Bolívia. Casou duas vezes e é pai de quatro filhas: duas delas, Janara e Janira de 19 anos, cursam medicina na mesma universidade que Sérgio estudou, em Matanzas, o que o deixa muito orgulhoso. Porém o sorriso é homo-

gêneo ao mencionar cada uma delas: a filha mais velha, Diana, 25, é professora de Artes em Havana e a caçula, Janaira, 2 anos, dá os primeiros passos na escolinha.

Nesses oito meses morando no Brasil, Acosta já pôde tirar algumas conclusões a respeito do atendimento médico no país. Para ele, a infraestrutura é muito boa, porém “há muitos protocolos, os médicos são subaproveitados”. É estranho para Sérgio ter que entrar e sair no posto da Vila Santo Antônio, em Charqueadas, com horário marcado. Na lógica do cubano, o médico não tem limite de horário para atender a comunidade. “Em Cuba, nós trabalhamos por um salário fixo, mas também fazemos plantões de graça, sem problemas. Aqui, se eu ver alguém passando mal na rua, não posso atendê-lo, apenas no consultório”, conta, surpreso.

Quando fala sobre os irmãos Castro, o cubano não esconde a admiração e diz que tem três pais: o seu pai biológico e os irmãos Raúl e Fidel. Sobre os rótulos de “ameaça comunista” e medo de “cubanização” do país, Sérgio é enfático: “É uma lástima que a imagem do comunismo tenha se

satanizado pelo mundo. Eu quero que me digam quando que Cuba exportou um exército? Os Estados Unidos fazem guerras no Iraque, Coreia, Japão e ninguém os acusa, são bons. Quando representamos perigo para alguém? Nós exportamos para o mundo apenas médicos, professores, trabalhadores, não nos metemos na política dos outros”. Para Acosta, a sua atitude humanitária e a função social que exerce são frutos dos ensinamentos de Fidel Castro. “Eu sou fidelista. Ele me ensinou a respeitar os demais, a ajudar sem esperar nada em troca e praticar o internacionalismo. Se você não respeita os outros, o que está fazendo nesta vida? Se não ajudou a ninguém, não estendeu a mão, não levantou

alguém do chão, o que vai levar desta vida?”, pondera o médico cubano.

Diferente de uma parcela da população brasileira, que acha absurdo uma parte do salários dos cubanos que atendem no Brasil ser revertida diretamente ao governo de Raúl Castro, o médico Sérgio Acosta vê a medida com bons olhos. “Fico muito contente e orgulhoso de contribuir com o sistema de saúde do meu

“Aqui, se eu ver alguém passando mal na rua, não posso atendê-lo, apenas no consultório”



Na imagem, o médico cubano Sérgio Cuellar Acosta.
Foto: João Lima

país. É um pouquinho do meu dinheiro que está indo para o meu povo”, declarou. O médico também destacou o bom nível educacional dos cubanos, resultados dos investimentos estatais.

Sérgio se espanta ao ver pessoas nas filas no Brasil, que “precisam pagar para depois serem atendidas.” Ele cita o também médico Ernesto “Che” Guevara, para explicar a maneira que lida com os pacientes: “Uma vida vale mais que todos os bens do mundo”. Por isso, ele diz que observa todos os pacientes da mesma forma, tratando primeiro de resolver o problema, sem se importar se a pessoa atendida tem ou não dinheiro. O sistema de saúde no Brasil impede maior eficiência de resultados. “Muita burocracia, muitos entraves”, frisa Acosta, que ainda acredita ser inaceitável que o paciente pague antes de ser atendido. “Primeiro atendemos o necessitado, principalmente se é caso de emergência, quem quer que seja, rico ou miserável. Depois nos preocupamos com o pagamento”, explica.

Para o cubano, um ponto-chave para a mudança da cultura da medicina brasileira pode se dar na transformação do modo de pensar dos médicos que entrarão no mercado de trabalho daqui para a frente: “Tratar de formar médicos com mais amor pelos pacientes. Muitos dos que estão atuando são excepcionais, tratam muito bem os pacientes, mas vem com essa formação atual. Precisamos de mudanças e que o médico se doe ao máximo para os pacientes”, destaca.

Por várias vezes, Sérgio se referiu ao Brasil como um paraíso. Apesar de algumas críticas pontuais, como à medicina, que ele tão bem conhece, à violência e às desigualdades sociais, o médico vê no brasileiro um povo semelhante ao cubano. “Temos as mesmas raízes, africanas e ibéricas: nós com

mais descendência espanhola; vocês, portuguesa. Mas os brasileiros são festeiros e simpáticos, assim como os cubanos”. Morando há oito meses no Rio Grande do Sul, já se sente em casa.

A aceitação dos brasileiros ao atendimento cubano, segundo Sérgio, é muito boa, pois os pacientes saem encantados do consultório. Alguns confidenciam ao médico que nunca tinham entrado num consultório e recebido uma abordagem médica tão atenciosa.

As mudanças de “sistemas” decorrentes das mudanças de governo no Brasil chamam a atenção do cubano. Acostumado com um único governo, o Partido Comunista Cubano, que comanda a Ilha desde 1959, é difícil para Sérgio Acosta entender como a troca de governos podem acarretar drásticas mudanças. Para ele, toda a troca de equipe e planejamentos, que decorrem ainda mais gastos públicos, são um atraso para o país.

Sérgio admira a maneira como o povo brasileiro se entrega ao trabalho. Contudo, fica espantado com a raiva instaurada nas cidades, com a quebra de patrimônios públicos em manifestações. Ele fala do jornalismo com a mesma visão que tem sobre a medicina: como função e compromisso social, que deve prestar um bom serviço à população. Decepciona-se, porém, ao ver a utilização da televisão para interesses políticos, muito desrespeito dos jornalistas brasileiros com a presidente Dilma Rousseff e autoridades de outros países, e desrespeito entre os partidos.

Acosta se mostra encantado com as paisagens encontradas no Rio Grande do Sul. Apesar de ter vivido na bela Matanzas é conhecer a paradisíaca praia de

Varadero, o cubano se satisfaz em ir pescar no rio Jacuí, na pequena cidade de General Câmara. Também gostou das imagens do pampa e da serra gaúcha. Nas horas vagas, gosta de ver filmes e telejornais brasileiros. O ano é de Copa do Mundo e o médico se impressiona e não gosta da

“Uma vida vale mais que todos os bens do mundo”

descrença de alguns jornalistas com a competição. Para ele, o evento mundial é uma

oportunidade única para o país. Apaixonado por futebol, conta que sempre procura na televisão algum jogo das ligas europeias ou brasileira. Acredita e torcerá para que a seleção de Luiz Felipe Scolari vença a Copa. Simpatiza com o Sport Club Internacional do Rio Grande do Sul porque o clube surgiu com um contexto menos elitista que o rival Grêmio. Porém, seus olhos brilham mesmo quando fala do Barcelona e ele se orgulha de dizer que torce para o time em que jogam os craques Messi e Neymar.

Pelo contrato com o Mais Médicos, Sérgio Cuellar Acosta trabalhará três anos por aqui. Durante este período no Brasil, a intenção é mostrar aos médicos e à sociedade brasileira o modo de atuação de um médico cubano. Ele, assim como tantos outros profissionais da ilha dos irmãos Castro que estão no país, está disposto a auxiliar e ganhar experiência em um lugar diferente. A maneira de abordar o paciente, a doação ao próximo e o entendimento da profissão como uma função social são alguns dos aspectos que Sérgio destaca dos profissionais da Ilha de Fidel. O sistema médico brasileiro tem muitas virtudes, mas precisa de mais mãos amigas para torná-lo ainda mais eficiente. A medicina cubana não veio rivalizar, mas dar assistência, para que todo o brasileiro possa sorrir e se orgulhar de ter acesso à saúde, independente da nacionalidade do médico que atende.

SOBRE PONTOS DE TRÁFICO E COMERCIALIZAÇÃO DE DROGAS

A rotina da venda de drogas e seu cenário particular

por Felipe Braga

Para fazer essa matéria-reportagem usei uma máxima, não de um jornalista ou repórter, mas sim de um dos maiores pensadores e cineastas brasileiros, Glauber Rocha. Glauber dizia que com uma ideia na cabeça e uma câmera nas mãos era possível fazer um filme. Eu não tenho uma câmera, mas tenho ideias e principalmente questões a serem levantadas. Além das ideias, um bloco de notas e um lápis fazem parte dos meus materiais inerentes a esse processo jornalístico. O que me propus a fazer foi observar as relações comerciais entre os usuários de drogas (maconha e cocaína) e os traficantes, assim como a situação dos vizinhos próximos ao ponto de tráfico, e também a participação esporádica da polícia com seu comportamento particular.

A CAPITAL E O INTERIOR

As características dos lugares onde são vendidas as drogas são muito parecidas. São lugares muito pobres, onde instituições públicas não se fazem presentes. Além de poucas escolas, o estado só se faz presente pela base da repressão policial. Esgoto a céu aberto, ruas imundas, cães sarnentos e famintos revirando lixo, crianças brincando no meio de traficantes, uma infinidade de gatos na energia elétrica. Tais condições de miséria social estavam presentes em todos os pontos observados.

Uma distinção pode ser feita entre a capital e as cidades do interior gaúcho. Na capital há

pontos tradicionais e uma logística, que faz inveja a grandes setores empresariais. No interior, o trabalho de vendas é artesanal, poucas pessoas trabalhando, como uma pequena empresa ou produção familiar. Entretanto, nos grandes pontos de Porto Alegre não é vendido crack. Há um marketing informal, que não cogita misturar as drogas, aqui chamadas de primeiro escalão, com drogas mais violentas como o crack, Oxi ou o krokodil.

OS PONTOS

Os pontos de tráfico na capital gaúcha são motivos de disputas entre gangues rivais, e facções se revezam no controle do tráfico, mas o ponto permanece. É comum e curioso, segundo informou um assíduo cliente de uma boca de fumo da capital, que até mesmo se terceirize os serviços de venda por um período de tempo. As drogas começam a ser vendidas pelo meio dia. A maconha tem seu auge de vendas no começo da tarde e ao cair da noite. Enquanto a cocaína é mais vendida à noite. No fim do dia encerram as vendas de maconha, a venda da cocaína ganha a madrugada.

A LOGÍSTICA

A organização e a logística de vinda das drogas até o ponto do tráfico é um segredo e não foi possível averiguar com essa reportagem, porém a logística da venda para o usuário foi observada. O ponto conta com

vendedores, acobertadores e os 'alarmes'. Os vendedores são os que definitivamente correm o risco de serem pegos pela polícia. Os acobertadores desempenham um papel mais administrativo e, além de darem guarida e fazerem corpo para uma possível entrada da polícia ou de um grupo rival, parecem administrar quando a droga será oferecida, já que não é sempre que as drogas estão liberadas para venda. E por terceiro, os aqui chamados de 'alarmes,' que avisam qual o procedimento deve ser utilizado pelo usuário para sua segurança e para a segurança do ponto, como também dão o alarme para que o vendedor do entorpecente possa bater em retirada devido a presença dos policiais.

OS ALARMES

Veja lá alguns procedimentos dos 'alarmes'. Geralmente as drogas são vendidas, em Porto Alegre, nos morros ou vilas e, assim sendo, o ponto, ou também chamado de bocada, é observado pelos membros da facção por todos os lados. Tomando um exemplo de um morro em que há venda em becos, temos a seguinte posição. Atrás está o passeio público, com a calçada, as ruas e os carros, por onde entram os clientes/usuários, enquanto à frente está a entrada do morro. É nessa direção, penetrando as ruelas, por entre casinhas simples com tijolos sem reboco, em que o vendedor sai em disparada ao grito de alarme. As pessoas vizinhas dão espaço para um vendedor correr, assim como o vendedor obriga aos clientes darem passagem para os moradores com "gritos de ordem e respeito". As mulheres usuárias podem passar na frente dos homens e tem prioridade na compra.

Já o 'alarme' fica posicionado no passeio público, ou seja, por onde a força policial pode chegar. Há uma rede de alarme que funciona como uma espécie de rede sem fio, o mais acima posicionado grita, repassando para o mais abaixo a informação, esse para o outro, e assim sucessivamente. Quando chega a polícia, o grito é "olha os boinas meu!".

A FORÇA POLICIAL

Os boinas são os policiais da PATAMO, uma espécie de BOPE, e significa Patrulha Tático Móvel da Brigada Militar. Assim são chamados por utilizarem como parte do uniforme uma boina na cabeça. As mães das crianças pequenas, quando querem assustar os pequenos por desobediências, dizem "olha que vem vindo um boina, lá!". O 'alarme' também movimenta e acalma a massa de usuários. Se a situação estiver "suja", também é quem manda dispersar.

OS VALORES DAS DROGAS

Os valores pelos quais os entorpecentes são vendidos variam de acordo com a quantidade, a qualidade e a facilidade de acesso aos pontos, assim como a segurança que oferecem. Mas, geralmente, respeitam uma tendência própria de mercado. Conversando com um cliente de um ponto da zona norte de Porto Alegre, escutei uma observação sobre a saudade daquele tempo em que "só malandro fumava unzinho", e que com um R\$1,00 se comprava um punhado de maconha. Hoje, segundo ele, está cada vez mais caro, sendo que em 2000 o câmbio era de 2 para 1, enquanto hoje se paga R\$5,00 pela mesma quantidade. A cocaína custa entre R\$ 10,00 a 50,00 a "paranga" (embalagem artesanal

com pouquíssimas gramas). Os usuários geralmente se amontoam nos grandes pontos de tráfico com a esperança de conseguirem um produto mais barato, assim correm o risco de serem pegos pela polícia, até mesmo alvejados. Além do risco policial, passam por um grande constrangimento ao se exporem na espera da vinda da droga. Já que em alguns lugares é de conhecimento público que aqueles que estão naquelas imediações, por entre carros e gritos de alarme, são usuários de drogas.

A política pública de combate é uma política repressora e sem diálogo conforme pude perceber. A polícia chega de repente em horários mais ou menos conhecidos. A operação mais emocionante que pude acompanhar deu-se quando a brigada em um grupo de quatro policiais, surgiu de dentro de um ônibus, pegando assim os comparsas do tráfico de surpresa, que esperavam a chegada dos policiais com os carros de patrulhamento. Foi tão rápido que impossibilitou aos 'alarmes darem o sinal'. O resultado foi de apreensão de um dos vendedores. Os policiais estavam equipados com bazuca, e ao saltarem do coletivo, atravessaram a rua nessa altura muito movimentada. Minha primeira consideração foi pensar: o que será que as pessoas dentro de seus veículos imaginam que está acontecendo? Uma tática de guerra urbana? E as crianças pobres do morro sendo invadidas? E as crianças de classe média voltando da escola? E as pessoas que estavam no coletivo? E se uma arma dispara e fere alguém? E concluí que todos passam a se influenciar por essa situação de violência. No entanto, os policiais também não são os culpados, mas estão lon-

ge do heroísmo dos filmes. Aliás, nessa história não existem heróis.

UM DRAMA SOCIAL

A vizinhança encobre os traficantes, seja por medo, ou compreensão. Percebi que em Porto Alegre as "bocadas" são quase sempre em entradas de um morro ou vila. E essa entrada é quase sempre virada para um bairro de classe média, por onde entram os clientes. Então existem os vizinhos próximos, que compartilham os mesmos dramas sociais, e os vizinhos periféricos, que apesar de não sofrerem as consequências diretas do comércio ilegal, indiretamente são reféns da situação. Coisas muito graves permeiam o assunto, como morte de traficantes por policiais, morte de policiais por traficantes, morte de usuários confundidos com traficantes, morte de crianças por bala perdida, briga entre gangues rivais pelo controle do tráfico, pagamento de propina. Ouvi muitas histórias. Um dia, ao entrar num boteco próximo a um conhecido ponto de tráfico de drogas, acompanhei a triste história de uma mãe que teve o filho morto por um policial que o confundiu com um traficante. O rapaz voltava do serviço quando, em uma batida policial, foi alvejado por fogo amigo. A mãe ficou inconsolável. O drama social associado ao uso das drogas não é a causa do problema, mas um efeito da queda do sistema. O mundo não está assim por causa única e exclusivamente do uso de drogas. O mundo se tornou imenso, globalizado, conectado, mas ainda intolerante e preso a tabus. Acredito que um dia o homem, com seu poder manipulador, vai controlar e domesticar o uso das drogas compreendendo sua importância e respeitando suas restrições.



Especismo. Palavra que o Word não conhecia. Foi devidamente adicionada ao dicionário desse computador. Termo cunhado pelo psicólogo britânico Richard D. Ryder em 1970, quando o usou em um panfleto.

Especismo. Atribuição de valores ou direitos diferentes a seres dependendo da sua espécie. O ponto de vista de que um tipo de animal, no caso o humano, tem todo o direito de explorar, escravizar e matar as demais espécies por serem elas inferiores.

Especismo. Discriminação. Os direitos de um indivíduo têm mais peso e mais importância do que a vida de outro ser. Há quem relacione o especismo com o feminismo. Algumas moças se ofendem, outras concordam. Há encontros nacionais, regionais e internacionais para discutir o tal de especismo. Segundo o grupo Ipsos, empresa internacional de pesquisa de mercado, cerca de 9% da população brasileira já não come carne. São 17,5 milhões de pessoas.



COMO ASSIM, LIBERTAR OS ANIMAIS?

por Nathalia Tessler



Malu Baumgarten, 54 anos, fotógrafa. Vive no Canadá desde 1997.

Malu achava que não dava para ser vegana, por causa das proteínas. Foi com a filha na conferência de direitos dos animais em Washington. Lá pegaram muitos materiais. A menina juntou todos aqueles panfletos e disse: "olha aqui mãe, porque eu quero ser vegana".

"Eles matam **7 mil** porquinhos bebês por dia, nesse lugar. **Por dia.**"

"E funciona assim, as **galinhas** nascem de uma chocadeira, não tem mãe, nascem ali sem amor. As meninas vão para cá ter o bico cortado, e os meninos **são jogados num saco**. Quando terminam pegam o saco esvaziam no triturador. **Vivos.**"

"Elas são enfiadas em gaiolas, **um monte delas**, e alguém vem e tira os ovos. O ovo é o ciclo menstrual, então a galinha bota, bota, e daí ela para. Então **eles não dão comida** para a galinha por vários dias, para forçar uma nova menstruação. Comem uma

ração de coisa transgênica, tomam remédios, e em 18 meses elas não botam mais. Aí elas vão para o matadouro virar comida de gato, de cachorro, porque já são uns bichos tão estragados que **nem dá para gente comer aquelas galinhas**. E as de comer também são criadas nessas gaiolas, são engordadas a um ponto em que não conseguem andar, são enormes. E o detalhe disso é que todos esses bichos que se come, as galinhas, as vacas, os porcos, os perus, tão **nenês.**"

"Mas aí eles têm a galinha **free range**, a galinha solta. Bom, a galinha solta é uma piada. Ela tá solta dentro de um celeiro. **Nunca saem, nunca veem luz, recebem a mesma comida de**

merda... Não, bota merda aí! (risos). Enfim, e se é para comer o ovo... mas poxa, o ovo é a menstruação do bicho, para que que eu vou... **Tu come a menstruação de gente?** Não come, né? Então (risos) sei lá, tu começa a pensar nessas coisas, e depois que tu começa a sair do mundo da carne, tu... Ah... Perdi o fio, perdi o fio da galinha."

"Os **porcos** vivem em pequenos locais fechados nas fábricas e as porcas, depois de inseminadas artificialmente, ficam **enfiadas naquele troço**. Ela não pode nem se mexer, ela não pode deitar numa condição melhor. O porco é um bicho superinteligente. **Muito mais do que um cachorro**, é curioso, ativo. Se tu deixa eles ali, eles se comem os pedaços, eles se machucam, eles ficam deprimidos, cheios de feridas no corpo. A gente vê aqueles caminhões, aqueles bichos lá dentro, **tu pode ver o medo deles...** Tu pode comparar fotos de porcos num santuário e fotos de porcos num caminhão. E pode parecer piegas, mas tu vai ver que esses aqui tão rindo, e **esses ali tão chorando.**"

"O **gado**... Eles são alimentados com grão de soja transgênica e milho e com **cocô de galinha** (silêncio). **Cortam** as guampinhas, tratam eles com um montão de antibióticos, porque a comida que eles comem faz mal. Todos eles são criados **confinados**, e são muito mal tratados. É por isso que o leite e os ovos de alguma ma-

neira são piores do que a carne, porque o pior destino de todos é o da **vaca** leiteira. As pessoas não pensam nisso, mas não existe leite sem terneiro, assim como tu não tem leite se não tiver um bebê. Então a vaca é inseminada artificialmente. Eles imobilizam a vaca, ou cortam o rabo, enfiam uma máquina na vagina dela, o fazendeiro enfia uma mão no ânus da vaca,

lá dentro, para ajeitar... **Imagina! Uma coisa dessas acontecendo contigo.** Um horror! As vacas, assim como os outros bichos, tem um sentido de família. Assim que nasce o bebe é tirado

dela e jogado numa caixa. E ele ou é deixado ali para morrer, **é jogado no lixo**, ou vira esterco ou vai para um leilão, para virar vitelo. E as vacas ficam **desoladas**, e os caras trazem as máquinas, e enfiam nas vacas; e o leite vai saindo até secar, e quando secar a vaca é inseminada artificialmente para passar pelo mesmo ciclo, então **essas vacas que poderiam durar 30 anos, vivem 4 anos.**"

"Dentro do **capitalismo** o que tá acontecendo é um acréscimo no consumo de carne. Os EUA estimulou e se deu bem em exportar carne para outros países que não comiam. O capitalismo só quer crescer, e a exploração de animais é nada mais do que uma indústria, uma maneira de ganhar dinheiro. A ONU já reconhece que a exploração de animais tá trazendo um dano imenso para o mundo...

Não é só a questão da compaixão. É assim, isso aqui tá acabando com a ecologia, com os campos, com a camada de ozônio e é um **negócio que não faz sentido.**"

"Nos EUA, eles inventaram a **guerra contra o terrorismo**. E aí para parar as pessoas que tão fazendo coisas dentro do país, os ativistas, eles inventaram um novo conceito, o **terrorismo doméstico**. Então veganos vão para a cadeia porque são uma **ameaça** ao capitalismo deles."

"Eu gosto dos que chegam para mim e dizem: "ah, eu fui vegano por 3 anos, e eu fiquei muito doente e **tive que voltar a comer carne**". Mas é claro, se tu ficou comendo miojo por 3 anos, tu deve ter ficado muito doente mesmo, né (risos)... É tudo muito bonitinho, **tem muita gente aqui que salva cachorrinho**, mas ninguém tá olhando para oss porcos, e paras vacas e paras galinhas, né... **É normal.**"

"Antes de ser uma ativista de direitos dos animais, eu sou uma ativista de direitos humanos. Eu cresci na ditadura, lutei contra ela. E eu também sempre fui ligada aos direitos da terra, me importei com ecologia. Então eu me dei conta de que **direitos dos animais, direitos humanos e direitos da terra**, a sobrevivência do planeta, **é tudo uma coisa só**, essas coisas tem a ver com justiça, com a sobrevivência do mundo, das espécies, com o fim da dor, com a compaixão... Com **um mundo melhor.**"



Rafael Bán Jacobsen, 32 anos – é físico, mas desde novembro de 2013 ocupa a cadeira nº 29 da Academia Riograndense de Letras.

Fundador e primeiro coordenador do grupo da Sociedade Vegetariana Brasileira em Porto Alegre. Há mais de 16 anos, deixou de comer carne.

“Principalmente no Brasil, as pessoas se preocupam muito com o desmatamento, mas na teoria. O grande ícone do desmatamento é a Amazônia né, só que pouco analisado criticamente. A Amazônia é uma região de criação de gado que tá cedendo lugar para a plantação de soja. Qual a conexão entre essas duas coisas? **Essa soja que é plantada abundantemente na Amazônia**, ela vai para onde, para a produção de tofu, para oss vegetarianos e para aqueles que gostam de uma culinária oriental? **Não, é para alimentar os animais que são criados de maneira confinada.** Então, quando não se desmata para plantar soja e alimentar animais, desmata-se para criar região de pasto para botar o boi em cima. E cada boi, cada mísera uma cabeça de gado, precisa de um hectare de pasto para se criar e depois ser comido.”

“Nós compartilhamos com os animais uma série de semelhanças essenciais, como o desejo de não sofrer, de ter liberdade - autonomia prática para poder buscar o seu alimento no seu próprio ambiente, formar os seus grupos – o desejo de ter a sua integridade física respeitada, o seu ciclo da vida respeitado, etc. **Que direitos essas características conferem a nós, seres humanos?** De não sermos aprisionados, torturados, mortos. Então, se essas características geram esses direitos para nós, e se essas características são compartilhadas igualmente por animais, porque esses outros animais não teriam esses direitos básicos se nós os temos?”

“Não é uma questão de apenas não matar, ou de não fazer o animal sofrer, existe um terceiro ingrediente que é o **respeito à liberdade.** Então até se você criasse um animal com todo o amor do mundo, livre, num grande território, permitindo que ele tivesse relação social com os seus iguais, mas você determinasse que ele vai morrer, você já não está mais respeitando a liberdade e a autonomia daquele animal. Ah, mas eu criei com amor, eu matei sem dor... E de que importa? Um direito foi violado. **Um assassinato não deixa de ser um assassinato se ele é cometido sem sofrimento, e um prisioneiro não deixa de ser prisioneiro se ele é bem tratado.**”

“O animal, assim como eu, é um ser sensível e consciente da sua condição. Eles conseguem ter uma experiência e eles conseguem valorar essa experiência como boa ou ruim para eles. Eles têm essa percepção da mesma forma que nós temos.”

“**Não importa** muito a questão de buscar alternativas que não tragam sofrimento. Seria real-

mente interessante se as pessoas buscassem uma reversão da perspectiva, que é **deixar de enxergar o animal como um instrumento** do qual eu posso me utilizar.”

“O ser humano, ele tem a capacidade de pensamento abstrato, o poder de criar coisas, e esses diferenciais fazem com que ele se chame de o **animal racional.** E aí o próprio homem **se coloca num trono e se julga no direito de reinar,** no pior sentido da palavra, tiranicamente, sobre o que está “abaixo”, e aí vêm os outros animais e os demais elementos da natureza. Tudo que está ali parece que foi feito para o homem. E o ser humano acredita muito nisso, e ele idolatra essa condição da própria racionalidade e vai realmente instrumentalizando as coisas. **O cachorro não é um cachorro, ele é um instrumento que eu vou usar para suprir a carência afetiva,** transferir algumas das minhas neuroses. Um boi é o passaporte para a comemoração no fim de semana que eu vou fazer através de um churrasco. Um passarinho está aqui para alegrar o ambiente, cantar e me deixar mais contente, e assim vai. Então o ser humano tem essa tendência muito cruel de instrumentalização, não só para aqueles que o cercam, **mas no fim para ele próprio.** Tudo precisa ter uma utilidade, né, ah, se **ninguém tá usando aquela árvore corte-se a árvore!** E assim vai.”



Ilustrações: Nathalia Tessler

A rebeldia e as histórias de uma lenda urbana

por Marcelo Carôllo

UM NOME NA CIDADE:

38 | 3x4 A MARGEM | 2014/1

Não lembro quando foi a primeira vez que li o nome dele. Não sei se foi em uma calçada, em uma placa de trânsito ou em um muro da cidade. Impossível saber. Mais difícil ainda é encontrar algum porto-alegrense que jamais tenha se deparado com alguma de suas assinaturas pela cidade. Para alguns, ele é um vândalo, um marginal. Para outros, é o símbolo da rebeldia e do desafio às autoridades. Criminoso ou revolucionário, Sérgio José Toniolo, o Toniolo Pixador, é um personagem marcante da cultura de rua de Porto Alegre.

Quando finalmente consegui me encontrar com o dono do nome que eu tantas vezes havia lido pela cidade, tive de chama-lo de outra forma. Toniolo virou Seu Sérgio. E foi assim que eu me dirigi a ele enquanto passeávamos pela sua vida repleta de histórias que fazem parte do imaginário porto-alegrense.

O histórico de rebeldia e transgressão de Toniolo começou já na década de 1970. Aos 30 anos, escrevia cartas para as sessões de

comentários do leitor dos jornais porto-alegrenses. Seus textos eram contundentes denúncias à polícia e aos seus comandantes. As críticas falavam sobre corrupção, truculência e diversos crimes praticados pelos policiais e logo ganharam fama e reconhecimento em Porto Alegre.

Tais acusações, fossem feitas por outra pessoa, talvez não alcançassem a repercussão e a notoriedade das cartas de Toniolo. O pichador mais famoso da cidade era, na época, policial civil. Seus superiores, de imediato, lhe pediram arma e a carteira. “Eles pediam para que eu escrevesse com outro nome, que não assinasse ‘Sérgio José Toniolo’ ao final das cartas. Se eu assinasse, eles me expulsariam. E foi o que fizeram”, conta, aos risos, Seu Sérgio.

No ano de 1982, “já razoavelmente conhecido na cidade”, Toniolo é convidado por Tancredo Neves para concorrer a Deputado Estadual pelo PMDB. De imediato, aceita o convite e se prepara para fazer campanha com o número 5143. “Acontece que arbitrariamente me impediram de concorrer. Por não ser filiado ao partido, parece”. Toniolo, que estava se preparando para fazer uma campanha “limpa e dentro da legalidade”, em protesto ao impedimento de sua candidatura, assume uma postura de “campanha agressiva”. Inicia-se, então, a história do “Toniolo Pixador”.

Os resultados de décadas de pichação pela cidade ainda estão presentes em diversas ruas e prédios de Porto Alegre. Dentre todas as intervenções com spray que já realizou, Seu Sérgio lembra com carinho do dia em que pichou o Palácio Piratini. “Me ocorreu de fazer uma pichação inédita. Dei entrevista e disse que ia a tal hora de tal dia pichar o Palácio Piratini”. A declaração foi

Toniolo é preso após pichar o Palácio Piratini
Fotó: Reprodução/Internet



levada a sério. No dia e horário indicados por Toniolo, um cordão de isolamento da Brigada Militar se postou em frente ao Palácio. As atenções da imprensa, da polícia e da população estavam voltadas para a praça-da-matriz quando silenciosamente, discretamente, Toniolo saiu de dentro da Catedral Metropolitana e caminhou calmamente em direção ao Piratini. "Quando fui passar pelos guardas, disse um 'boa tarde' bem educado. Acho que eles pensaram que eu fosse padre, sei lá, e eu segui". Tirou a lata de spray do bolso e escreveu sua assinatura quase que completamente. Em algum momento entre o "L" e o último "O", os brigadianos conseguiram segurar Toniolo, que foi encaminhado ao Hospital Psiquiátrico São Pedro, de onde fugiu logo em seguida.

Depois desta, outras tantas prisões e processos passaram pela sua vida. Seu Sérgio conta que, somando tudo, já são mais de 10 anos de reclusão e, segundo suas próprias contas, mais de um milhão e meio de reais investidos em suas intervenções urbanas.

Toniolo virou lenda. O nome estampado em muros e prédios de Porto Alegre acabou gerando fãs de seu trabalho. Fãs do mundo das artes, inclusive. O pichador já recebeu homenagens artísticas, como quadros e pai-

néis, que ficaram expostas em locais nobres da cidade como a Casa de Cultura Mário Quintana e a Usina do Gaômetro.

Hoje em dia, ele não picha mais paredes. Seu novo modo de expressão são os adesivos que cola por toda a cidade. Calçadas, postes e placas são os locais mais frequentes de suas intervenções. "É mais fácil, dá para colocar em mais lugares e chama mais a atenção do povo", diz ele. Nos adesivos, Toniolo já se "candidatou" a Vereador, Prefeito, Governador e até mesmo a Presidente do Brasil. "Essas eram só de sacanagem mesmo", brinca.

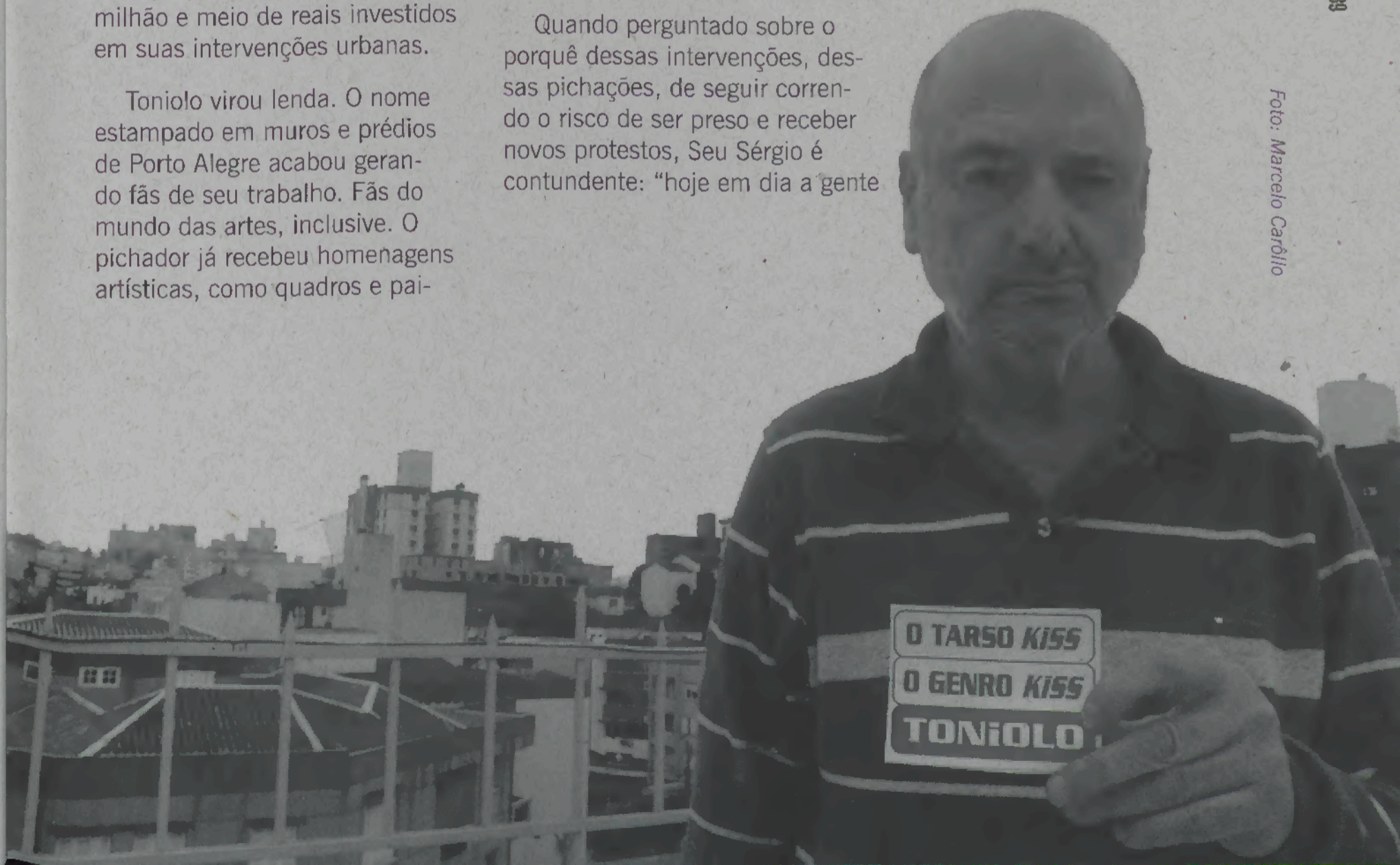
Sua campanha de adesivos atual tem um foco mais sério: questionar o envolvimento do Governador Tarso Genro com a tragédia ocorrida na Boate Kiss. "Ele é o responsável direto pela morte de mais de 240 pessoas e ninguém faz nada. O nome dele nem é citado nas investigações. O Brasil é o país da piada-pronta mesmo", conclui.

Quando perguntado sobre o porquê dessas intervenções, dessas pichações, de seguir correndo o risco de ser preso e receber novos protestos, Seu Sérgio é contundente: "hoje em dia a gente

vive numa época de repressão pior do que na ditadura. Hoje as pessoas não podem mais pensar por elas mesmas, não podem mais se expressar como elas querem. Eles (os políticos) dizem que é poluição visual. Só os políticos têm direito de poluir. De dois em dois anos eles sujam tudo o que eles querem. Eu dou dessa opinião: se um Brasileiro pode fazer, o último dos brasileiros também pode fazer. Então se eles têm o direito de sujar, eu, como brasileiro, também tenho esse direito de sujar".

Não lembro quando foi a primeira vez que eu li o nome dele. Sei que hoje sua marca está presente desde as calçadas até as galerias de arte da cidade. Entre marcas a spray e adesivos espalhados por Porto Alegre, o imaginário em torno de Toniolo se reforça, enquanto Seu Sérgio segue, mesmo aos 67 anos, lutando e defendendo os ideais que acredita. Para uns, é um vândalo, um marginal. Para outros, um símbolo da rebeldia e do desafio às autoridades.

Foto: Marcelo Carfêlio



DA BOCA DAS RUAS AOS OUVIDOS DA SOCIEDADE

por Ingrid Oliveira

O Boca de Rua é um jornal impresso, produzido por pessoas em situação de rua, que revela à sociedade uma face que é, muitas vezes, ignorada. A sua produção jornalística dá voz a quem é cotidianamente considerado invisível, um fantasma nas ruas de Porto Alegre. Acima de tudo, o jornal traz a sensação de pertencimento, de identidade e de cidadania aos seus integrantes.

As reuniões com o grupo do jornal acontecem, atualmente, nas terças-feiras, às 14h30min, na sede do GAPA (Grupo de Apoio a Prevenção da Aids) no bairro Cidade Baixa. Fui até o local, no dia 6 de maio, com a intenção de conhecer mais sobre a história do jornal e de quem o produz. Eram mais de vinte moradores de rua na mesma sala. A minha vontade era conhecer a história de cada um. Pela quantidade de integrantes presentes, isso seria inviável.

E lá estavam eles, continuando a discussão de pautas provenientes de outra realidade, lutando pelos seus direitos em cada palavra.

Um homem de meia idade, com um cigarro apoiado na parte superior da orelha, estava sentado no canto da sala. Quietamente até então, ele se levanta e começa a expor suas ideias com uma clareza que me chamou a atenção. O homem era José Luiz Straubichen e falava sobre como estão “limpando” a cidade para a Copa. O “lixo” eram eles.

José Luiz Straubichen, 45 anos

José Luiz era confeitiro e pai-deiro. Casado e com cinco filhos, percebeu que “ele era o fruto podre da família”. A dependência química e o álcool o afastaram da casa onde morava e o levaram às ruas da capital aos 38 anos de idade. Os primeiros quatro anos nas ruas foram os mais difíceis: Viviam de canto em

canto; alternando albergues e calçadas. Teve que se acostumar com a invisibilidade diária e lidar com os constantes pesadelos.

- De repente eu me vi nas ruas reciclando e guardando carro. Passei a ser um fantasma de dia, quando as pessoas passavam por mim. De noite, eram outros fantasmas que me assombravam, os que vinham da dependência química e do álcool. Aí ficava difícil. Eu tinha pesadelos e não conseguia dormir. Não sabia se quem tava do meu lado era amigo ou não. Era cada um por si. Até que me deparei numa aldeia, como eles chamam, com uns 11 ou 12 integrantes, vivendo juntos na rua. Ali, tinham as próprias regras e eu tive que me adequar. Todos da aldeia saiam pra reciclar com seus carrinhos de supermercado. O dinheiro era recolhido de cada um pra comprar os alimentos pras refeições.

A sobrevivência dos desabrigados é um sofrimento e, mais que



isso, uma luta diária pela vida. José deixa claro que, mesmo na rua, a melhor maneira de viver é com respeito, humildade e amizades. Alguns amigos surgiram na marra. Outros vieram de encontros inesperados, mudando a sua vida. Foi assim com o Tuti.

O encontro com o Boca

- Um dia vi um cara vendendo o Boca. Era o Tuti, que foi o primeiro do grupo que eu fiz amizade. Ele me convidou pra fazer parte do jornal, mas eu ficava naquelas. Sempre fui um péssimo vendedor, como é que vou me dar bem né? Como é que eu vou vender uma coisa que eu nem conheço?

José sempre teve curiosidade pelo jornal, mas não ia às reuniões. Ele procurava saber como era elaborado conversando com o Tuti. Chegou a pegar umas folhas com ele para ver como se saia na escrita. Passado um ano de convites do amigo, José decidiu "botar a cara lá".

- "Vou lá ver então", eu disse. E eu tava naquelas de péssimo

vendedor, mas tu tá vendendo um jornal e não um produto de prateleira de supermercado entendeu? Você tá vendendo uma matéria que é feita através do convívio diário da população de rua, de quem mora na rua. Daí chegou o dia que eu disse "hoje eu vou botar a cara lá e ver como é mesmo". E aí estou até hoje no Boca. Vou fazer um ano de jornal.

A voz dos moradores de rua

Os integrantes garantem que o conteúdo do Boca de Rua é exclusivo, pois não é visto na Zero Hora, Correio do Povo, O Sul ou Diário Gaúcho. Eles definem o jornal como "a voz dos interesses da população de rua", pois é o meio de comunicação em que eles falam para a sociedade as suas demandas. José explica que o material também serve para as pessoas que desconhecem a condição dos moradores de rua se interessar pelas causas.

- Quando os colaboradores do projeto entram no nosso site, veem que aquilo não é um pedido de esmola, é a venda de um trabalho de 13 anos. Hoje o

jornal é reconhecido pela CUT e ganhou um prêmio da Ajuris que nenhum de nós contava. Também teve um documentário, feito um mês antes de eu entrar, que mostra bem o nosso trabalho.

Questionado sobre essa "limpeza" para o Mundial, ele respondeu:

- Olha, eu vou ser sincero. Eles estão vindo devagarinho e tão tirando o pessoal. Eu uso termos assim "de pá" porque é bem assim. Eu tenho fotos disso pra próxima edição do jornal, de coisas que eu vi eles fazendo isso na frente da Panambra, to procurando matérias. Mesmo nos bairros mais afastados dos campos de futebol eu to vendo que isso tá acontecendo e conheço pessoas que passaram por isso. Talvez na próxima edição do Boca eu já possa falar alguma coisa certa.

Um novo material é impresso a cada três meses, sendo a última edição a de número 52. O lote é dividido igualmente entre os integrantes. A cada reunião semanal, eles recebem sua cota individual, cerca de 40 jornais, e vendem o exemplar por R\$ 2. Nenhuma quantia é repassada à equipe de jornalistas responsáveis, que atuam no projeto voluntariamente. O porquê de recolherem as pessoas das ruas é resumido nas palavras de José: ♦

- Pra eles é lixo. Tudo lixo. O que é pra nós a cama, o nosso descanso, o nosso lar - ou o que foi pra mim, porque hoje estou numa casa - mas o que serve pra muitos de coberta ou colchão, seja um papelão ou jornal pra eles se resume a lixo. Quer dizer então que a gente se sente como lixo também, porque a gente vive com aquilo ali.

José depois do Boca

Há dois meses, com a ajuda do trabalho no jornal, José alugou uma peça e se mudou para o local. Às vezes, consegue visitar a sua família. Ele acredita que a vivência na rua foi necessária, pois, se a pessoa realmente quer e busca um apoio, é mais fácil de reverter a situação do alcoolismo ou drogas.

- Eu acho que se a pessoa tem uma grande vontade de se libertar da dependência - não vou dizer que a pessoa tenha que passar por isso - mas na rua também se consegue. E é mais fácil do que na comunidade onde eles chamam de sociedade.

Conhecendo a história de um dos repórteres do Boca de Rua, a dúvida que restou é se a sua dependência também foi superada.

- Eu não consegui ainda. Estou uns 60% da minha dependência curada. Isso eu devo a muitos apoiadores do jornal, e também pelo apoio que eu tenho de conversar e saber que tem gente que tá passando pela mesma situação e vendo que tem gente influente que quer me auxiliar e que precisa de ti, sabe. Por exemplo, no teu caso, uma estudante com curiosidade na minha história. Isso me traz força. Pode parecer pouco, mas pra mim é bastante.

Com a palavra, os invisíveis

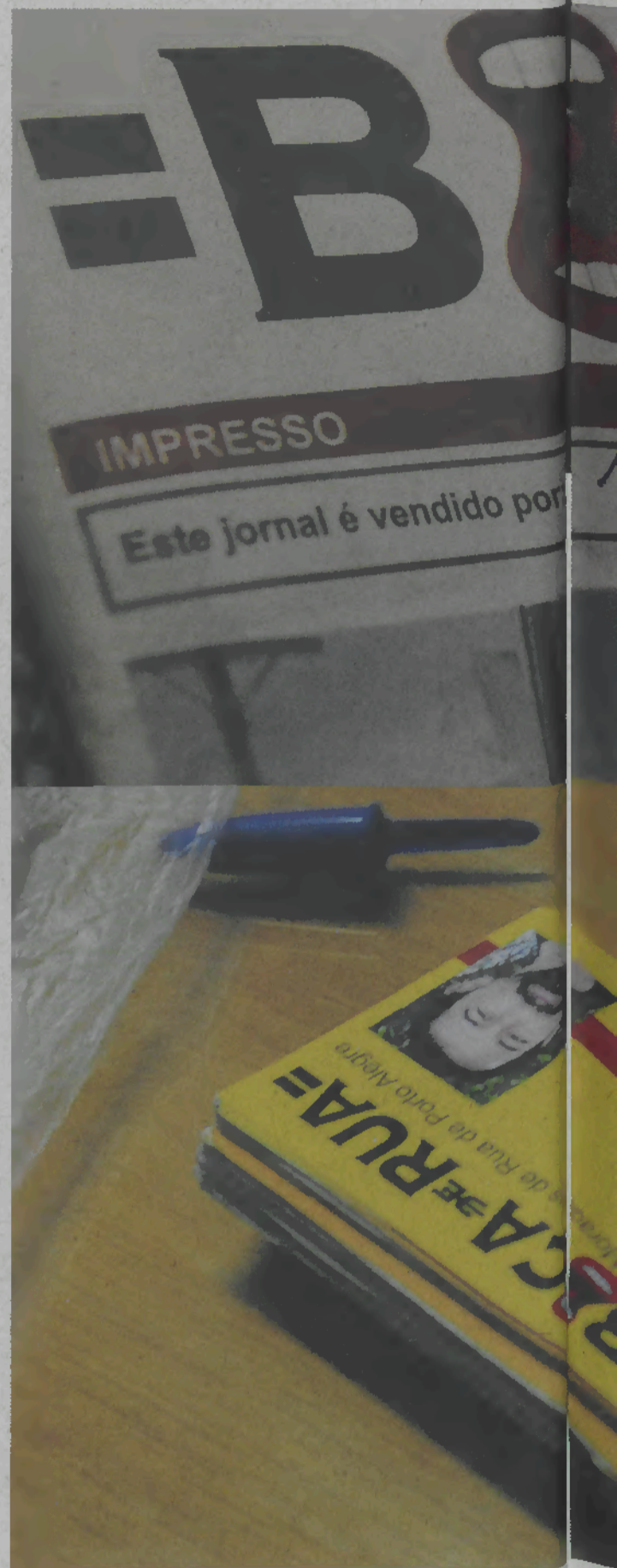
“Essa não é uma simples discussão de pauta, é, acima de tudo, um fórum de discussão sobre a situação dos moradores de rua”. Assim Rosina Duarte, a jornalista responsável pelo jornal, abriu a reunião de terça-feira. No começo do projeto, as idealizadoras Rosina e Clarinha Glock tinham uma posição equivocada de que o objetivo seria dar conta de todas as demandas do pessoal das ruas, pois tinha um caráter

assistencialista. Então o jornal manteve o foco na comunicação, possibilitando a transformação da auto imagem dos integrantes e a luta por conquistas.

A ONG Alice (Agência livre para informação, cidadania e educação) sustenta o Boca de Rua. Ocorrem vendas de livros, saraus, doações de organizações internacionais esporadicamente e doações de pessoas para arrecadar verba. A impressão dos exemplares é paga pela federação dos metalúrgicos da CUT (Central Única dos Trabalhadores). Anteriormente, como as jornalistas tinham contato com a RBS, a Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho patrocinava os malotes. Porém, isso causava grande controvérsia entre o grupo, pois era justamente um dos veículos de comunicação que eles diziam ignorar a realidade das ruas.

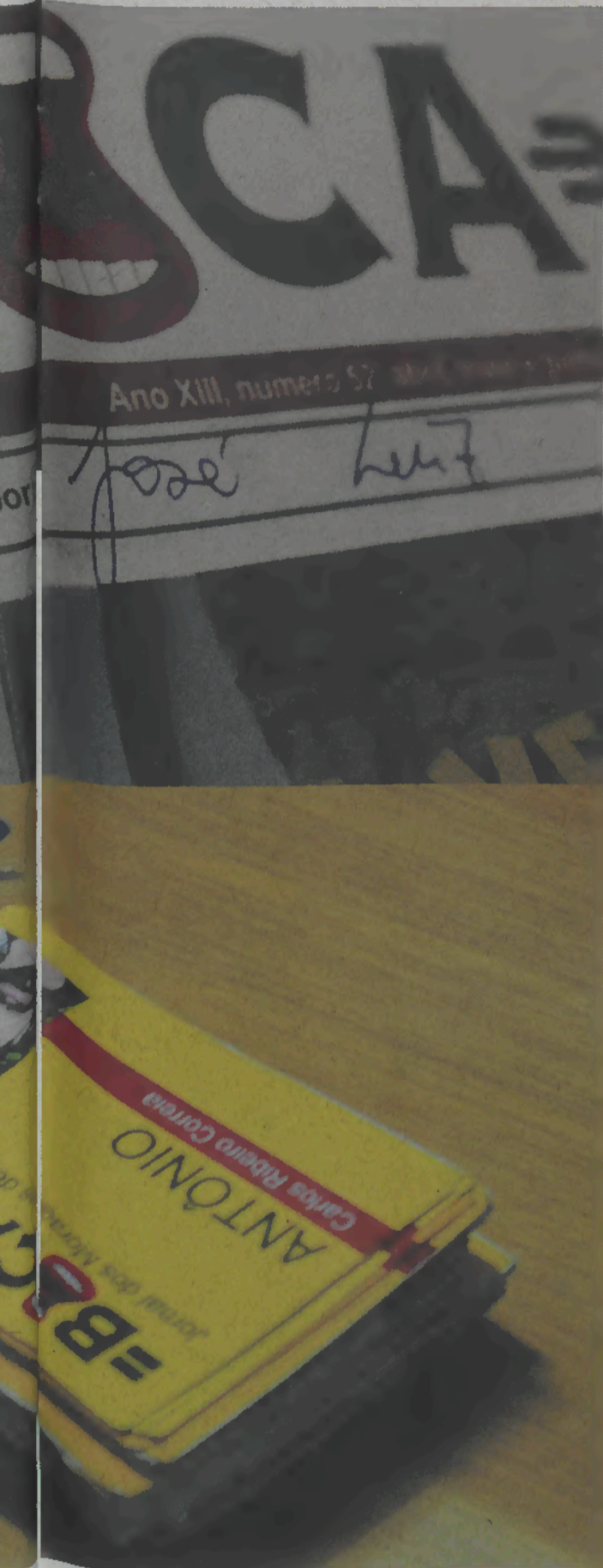
O Boca de Rua não é um projeto voltado só para quem participa, mas também para quem lê. Rosina destaca que quem lê o Boca não vê os moradores de rua como antes. O leitor nota que eles têm os mesmos anseios que qualquer outro ser na sociedade.

- Na História é contada apenas a versão dos vencedores. Na grande mídia, a exceção que se passa por realidade. Se ET's viessem ao planeta terra e tentassem conhecer os habitantes por esses meios, eles veriam uma população de ricos, famosos e criminosos. Muito se fala em inclusão social. Na verdade o boca é uma ponte entre a sociedade e os moradores de rua. Se um deles oferecesse serviço de jardinagem na sua casa, você ia contratar? Não, ia ficar com medo. Então inclusão é uma palavra vazia dentro desse discurso. Eu prefiro dizer que o objetivo é fazer fissuras dentro desse bloco de informações monolíticas.



Sobre lidar com pessoas em situação de rua

Fotos: Ingrid Oliveira



“Muitos aprendem a escrever pra um jornal, mas na verdade, nós também temos que nos alfabetizar na realidade da rua. Quando começamos o projeto nos demos conta que éramos ignorantes nessa realidade. Então ocorre uma constante troca de conhecimentos.” Durante o encontro, a jornalista enfatizou muitas vezes que o dinheiro que eles recebem com a venda do jornal não é esmola, mas sim o valor do produto que estão vendendo, cobrado em função do trabalho que tiveram para produzir o material. Alguns integrantes tem consciência clara disso, outros ainda não, pois o grupo se renova a cada reunião. Essa conscientização também não ocorre de maneira simples, uma vez que a maioria teve a formação desde a infância nas ruas.

As regras dos encontros são criadas pelo próprio grupo e são rígidas. Se some uma caneta, todos são suspensos da próxima reunião. Dependendo da ação, havia suspensão de até três meses. Contudo, Rosina se deu conta de que essa era a mesma lógica da sociedade.

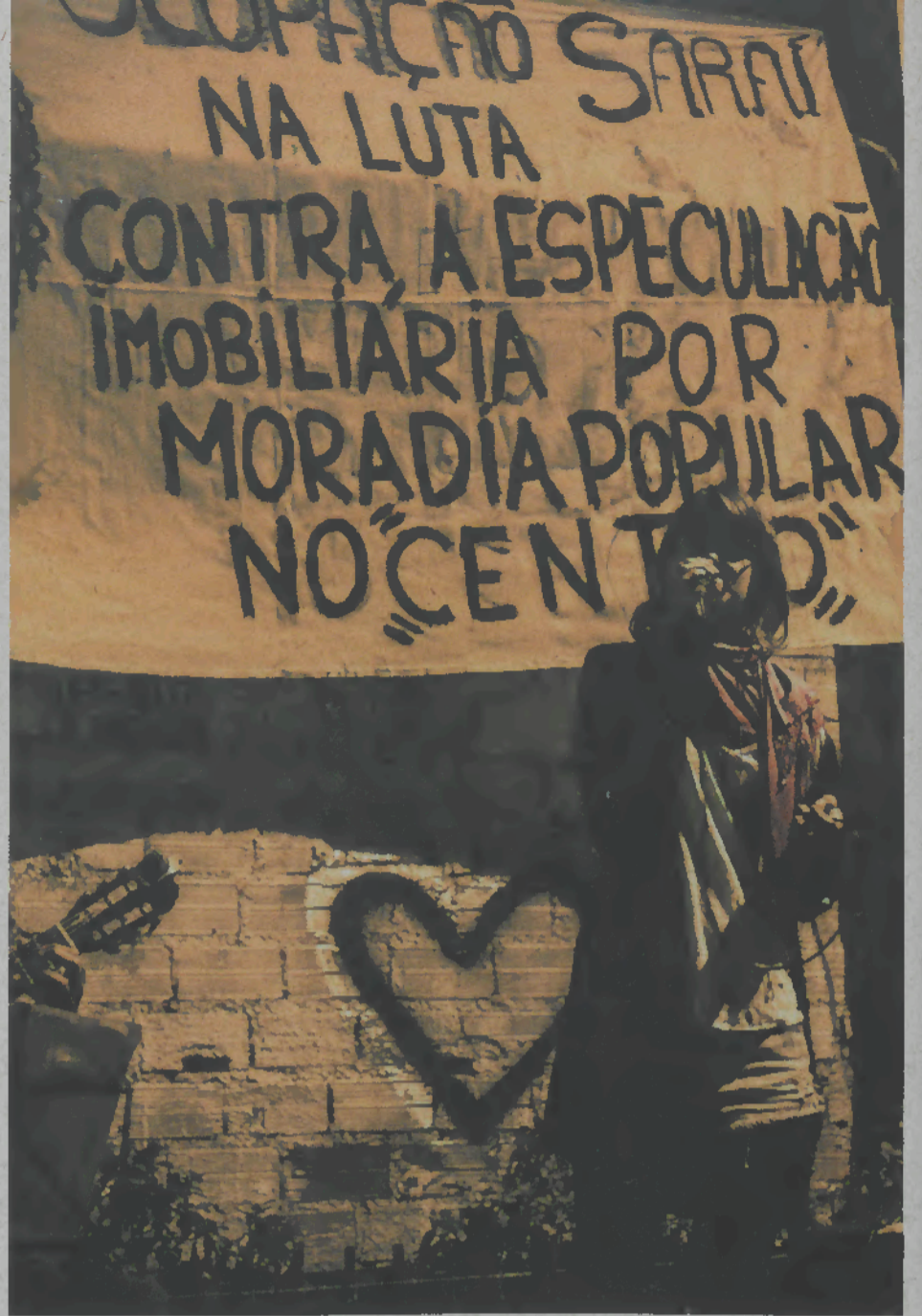
- Hoje quando chega alguém agitado, nós damos uma conversa. A intenção é, ao invés de punir, prevenir a ação através do diálogo. O jornal é feito há anos e eu nunca fui agredida. Uma vez eu expulsei um membro. A gota d'água foi quando ele quebrou o armário da sala e levou todo o malote. Mesmo afastado do grupo, ele nunca deixou de se identificar como membro do Boca. Certa vez estávamos produzindo um material sobre a ditadura e conversando com o grupo sobre anistia. Foi aí que me ocorreu a ideia de anistiar o pessoal suspenso ou afastado. O grupo aprovou. Todos que tavam

afastados retornaram pro Boca, inclusive esse que eu expulsei.

Se um integrante faltar mais de três reuniões, ele deve frequentar outras três seguidas para se reinserir na equipe. Há um combinado que se alguém estava na cadeia, no hospital ou em temporada com a família, pode ser imediatamente reintegrado. O Boca também possui licença maternidade de 3 a 4 meses, nos quais o companheiro recebe o jornal e a mãe pode vender, mesmo sem estar presente nas reuniões.

Questionada sobre o que o Boca representa para os integrantes em situação de rua e para a sociedade, Rosina responde com uma história:

- Um filme sobre o Boca seria apresentado no Santander Cultural. Eu fui junto com o pessoal e veio um daqueles seguranças de preto, enormes, e disse “e vocês quem são?”. Eu dei um passo à frente pra responder, mas um dos guris que me acompanhava deu dois passos e disse “nós somos os artistas e diretores do filme” e eles passaram de cabeça erguida. Fiquei emocionada com a atitude deles. Depois do filme teve uma palestra, todos se apresentando muito bem. Quando saí dali conversei com o Silvio Ferreira, da ONG Alice, dizendo o quanto eu tava impressionada com os guris, afinal nos estávamos num centro de cultura elitista. Colocamos ingressos à venda e quem os compraram foram professores e alunos da universidade. Então acontecia ali uma inversão de papéis. Silvio, sempre muito quieto, me olhou e disse “É Rosina. É uma pequena revolução acontecendo”. E é isso que o Boca representa, tanto para os moradores, quanto para a sociedade: uma pequena revolução.



PELO DIREITO DE MORAR

por Jonas Lunardon

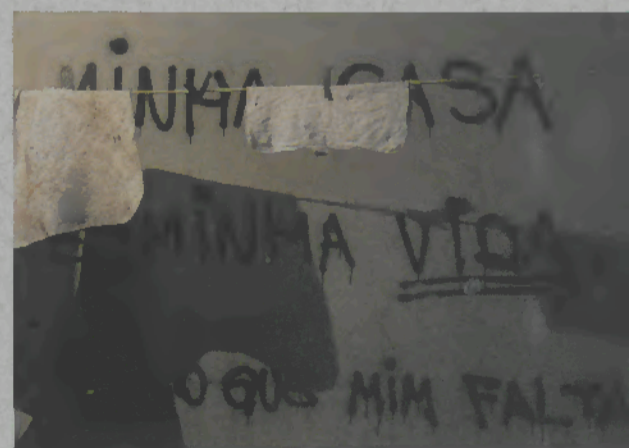
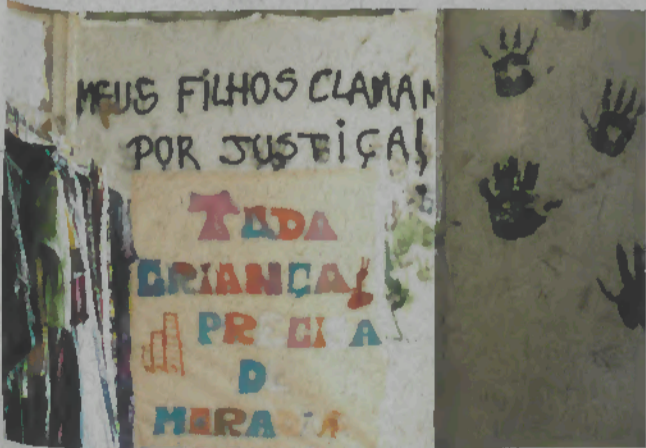
A Ocupação Saraí venceu.

Desde setembro de 2013, famílias integrantes do Movimento Nacional de Luta pela Moradia fazem de um prédio abandonado no Centro Histórico de Porto Alegre sua residência. Ocupado pela quarta vez, o imóvel, localizado na esquina da Av. Mauá com a Rua Caldas Júnior, virou símbolo de resistência na luta pela reforma ur-

bãna. No dia 5 de julho de 2014, depois de 10 meses de ocupação, o governador Tarso Genro assinou o decreto de desapropriação do prédio. A medida garante recursos de até R\$ 4,5 milhões para a transformação daquele lugar esquecido em moradia social.

Estas fotos são fruto do acompanhamento das vivências na Saraí desde outubro de 2013.





LUCRO?

Como todo mundo

TRANSFORMA

A VIDA FICOU MAIS DURA

SIHGISNI

nhos



ESTÁ NA HORA DE PARAR DE PENSAR

EMOCIONOU-SE? PAGUE!

MEU INIMIGO DO CO

OS

SAIU MUITO MAL NA FO

CONSTRUÍMOS

ISSO AÍ ESTÁ UMA PORCARRIA!



"Se você não está confuso, não está prestando a

OLHAR PARA A FRENTE

QUAL É O CÓDIGO?

RA A LUZ

MPRAR



MISTURADO

Pensando